



FÁBRICA DE PAPEL

UM LIVRO POP-UP SOBRE O SESC POMPEIA

NATÁLIA P. DE CARVALHO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FÁBRICA DE PAPEL

UM LIVRO POP-UP SOBRE O SESC POMPEIA

Natalia Pacheco de Carvalho
Orientadora: Clíce de Toledo Sanjar Mazilli

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação

São Paulo, Julho de 2022

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

De Carvalho, Natalia Pacheco
Fábrica de papel: um livro pop-up sobre o Sesc Pompeia /
Natalia Pacheco De Carvalho; orientadora Clíce de Toledo
Sanjar Mazzilli. - São Paulo, 2022.
119 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura
e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo.

1. Livro Pop-up. 2. Livro Ilustrado. 3. Sesc Pompéia. 4.
Lina Bo Bardi. I. Mazzilli, Clíce de Toledo Sanjar, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Márcia e Adilson, por todo empenho, incentivo e apoio para que eu pudesse estudar durante anos sem preocupações. Ao meu irmão, Vitor, por ser companhia para toda hora, a cada visita em que me acompanhou, as maquetes, noites viradas e também por me ajudar a cortar e realizar o trabalho final.

A professora Clíce de Toledo Sanjar Mazzilli, pelo incentivo, animação e orientação enriquecedora. Aos demais professores da FAU pelo conhecimento proporcionado durante esses 6 anos e meio de graduação, com toda certeza saio uma nova pessoa com um olhar totalmente diferente do mundo.

Ao professor Giorgio Giorgi Júnior e Patrícia de Vicq Silva Lobo que aceitaram fazer parte dessa etapa e tenho muito ânimo em receber em minha banca.

Aos meus amigos queridos da FAU, Juliana, Gabriel, Letícia, Jéssica e Isabel por me acompanharem, apoiarem e acolherem durante essa longa caminhada, compartilhando sorrisos, choros, desesperos e muitos sentimentos, em especial para a Ju que foi minha maior companhia de mensagens durante o longo período da pandemia. Aos amigos do Praiando, em especial ao Douglas, meu acompanhante de conversas nas indas e vindas de trem, a Mariana Ribeiro acompanhante de shows e gastos e Raissa, Abe e Mirella, fontes de muito amor. Lembrarei de todos com muitas saudades, principalmente das tardes nos estúdios conversando e dos *happy hours* divertidos.

Aos meus amigos virtuais, que sempre me apoiam.

RESUMO

Este trabalho registra o desenvolvimento do livro “Fábrica de Papel: um livro pop-up sobre o Sesc Pompeia” que assume uma função didática, pedagógica e lúdica, através de ilustrações, textos complementares e técnicas artesanais, possibilitando ao leitor conhecer sobre o projeto da arquiteta Lina Bo Bardi.

Norteados por uma pesquisa teórica de como contar histórias e ler um livro ilustrado e sua importância para a imaginação e interpretação, o projeto foi tomando forma a partir de experimentos com o papel. Tem como produto final um protótipo de livro pop-up; não somente um livro infantil, como costuma ser entendido o livro ilustrado, mas um livro para todas as idades que buscam o lúdico, imaginando um espaço construído no papel.

A provocação inicial para a idealização deste projeto foi a vontade de unir afinidades pessoais como o desenho, papel e arquitetura. Sendo assim, o trabalho se apropria do desenho, do papel e da arquitetura, pontos fundamentais da minha vida.

PALAVRAS-CHAVE

1. Livro Pop-up; 2. Livro Ilustrado; 3. Sesc Pompeia; 4. Lina Bo Bardi; 5. Produção gráfica.

ABSTRACT

This work records the development of the book “Fábrica de Papel: um livro pop-up sobre o Sesc Pompeia” that assumes a didactic, pedagogic and ludic function, through illustrations, complex texts and handcraft techniques, enabling the reader to know about the architect Lina Bo Bardi’s project.

Guided by theoretical research on how to tell stories and read an illustrated book and its importance for imagination and interpretation, the project took shape from experiments with paper. Has as a final product a prototype of a pop-up book; not just a children’s book, as the illustrated book is usually understood, but a book for all ages who seek the ludic, imagining a space built on paper.

The initial provocation for the idealization of this project was the desire to unite personal affinities such as drawing, paper and architecture. Therefore, the work appropriates drawing, paper and architecture, fundamental points of my life.

KEYWORDS

1. Pop-up book; 2. Illustrated book; 3. Sesc Pompeia; 4. Lina Bo Bardi; 5. Graphic production.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		09
objetivo	11	
motivação	13	
O LIVRO ILUSTRADO		17
o livro ilustrado	19	
técnicas	21	
definições	23	
PROCESSO		27
experiências prévias	29	
o Sesc	37	
Lina Bo Bardi	39	
o Sesc Pompeia	41	
PROJETO		45
experimentos iniciais	47	
materiais	59	
ilustração	61	
O LIVRO		65
capa e contracapa	67	
folha de rosto	69	
página dupla 1	75	
página dupla 2	79	
página dupla 3	83	
página dupla 4	87	
página dupla 5	91	
página final	97	
contra capa e lombada	99	
CONSIDERAÇÕES FINAIS		103
BIBLIOGRAFIA		107
ANEXOS		113

INTRODUÇÃO

OBJETIVO

Apesar de ainda não ser acessível a todos ao longo da vida, o livro é muito importante no desenvolvimento da imaginação e também desperta o interesse por vários assuntos que podem abordar, de diferentes pontos de vista e representações devido ao olhar de cada autor.

Neste Trabalho Final de Graduação, será criado um livro pop-up reproduzível que possibilite ao público conhecer o Sesc Pompeia e se interessar em visitar o local e todas as histórias que estão nele envolvidas e representadas através do projeto de restauração e construção de Lina Bo Bardi.

MOTIVAÇÃO

O desenho tem um papel fundamental na minha vida, tendo sido, inclusive, importante para a escolha de cursar arquitetura; é a minha forma de expressão e minha terapia. O papel e seus desdobramentos em práticas artesanais foram uma descoberta que fiz ao longo da faculdade, onde tive a chance de exercitar estas práticas, tanto nas atividades didáticas, como na elaboração de maquetes e projetos gráficos, mas também em projetos pessoais, como a confecção de cadernos.

O desenho tem um papel fundamental na minha vida, tendo sido, inclusive, importante para a escolha de cursar arquitetura; é a minha forma de expressão e minha terapia. O papel e seus desdobramentos em práticas artesanais foram uma descoberta que fiz ao longo da faculdade, onde tive a chance de exercitar estas práticas, tanto nas atividades didáticas, como na elaboração de maquetes e projetos gráficos, mas também em projetos pessoais, como a confecção de cadernos.

Quanto à arquitetura, a escolha do SESC Pompeia se deu tanto por se tratar de um ícone da arquitetura, quanto por ser um edifício que me emociona, que me instiga e sempre me surpreende desde a primeira vez que o visitei.

Este trabalho se apropria em partes do desenho, do papel e da arquitetura, pontos fundamentais da minha vida, da minha formação e da própria prática arquitetônica, e os utiliza na produção de um livro que busca sintetizar a experiência sensível e espacial numa obra de arquitetura, não excluindo que é fundamental a visita física para total compreensão e sensação do espaço construído.

O LIVRO ILUSTRADO

O LIVRO ILUSTRADO

Inicialmente, o livro ilustrado foi concebido para um público de não leitores, logo, para o público infantil que ainda não aprendeu a ler ou que está iniciando a leitura com a ajuda de um mediador. Com o tempo, essas obras foram sendo ampliadas para o público já fluente, através de editoras com catálogos de livros ilustrados voltados ao público adulto, que contavam com mais páginas e textos acompanhados da imagem com reflexões mais profundas. Isso ocorreu também através dos quadrinhos, voltados ao público infanto-juvenil, que se mostram capazes de interessar aos adultos, com tema, escrita e tratamento plástico que não encerram o leitor numa faixa etária específica.

Sendo o livro ilustrado uma forma de expressão por seu todo, não exigindo nenhuma competência estabelecida e diversificada de leitura, ele se torna mais acessível a todos; mas, na imagem, também é necessária a interpretação e conhecimento de seus respectivos códigos para leitura. Esses livros também podem vir acompanhados de texto para ser lido pelo mediador como um narrador ou o leitor; esse texto, preferencialmente, complementa as imagens, não se sobrepondo às informações, evitando redundância.

O *codex*, formato de livro tal como conhecemos hoje, diferente do *volumen* (rolo) do período romano, foi concebido para abrigar o texto. Logo, essa ampliação para a ilustração, e posteriormente para o público mais adulto, atraiu designers gráficos e ilustradores não dirigidos ao público infantil, mas que optaram e optam pelo livro ilustrado pela liberdade de criação que ele oferece.

TÉCNICAS

As técnicas de ilustração nos livros eram poucas, sendo em sua maioria em xilogravura, que, durante o século xvii, foi a pioneira por oferecer uma versatilidade maior de figuras em uma mesma página, sendo essa, aperfeiçoada com o passar dos anos, para uma maior precisão de traços cada vez mais finos. Já em meados de 1850, o estêncil oferece páginas com diversas ilustrações coloridas, assim como podem ser vistas na coleção que publicou Bertall, combinados texto e imagens em: *Mademoiselle Marie sans soin* (1867).

As outras técnicas começam a ser difundidas também no livro ilustrado, sendo uma das mais populares a combinação de traçados (lápis, pena, caneta nanquim, etc.) com uma cor (aquarela ou tinta). As tintas (aquarela, acrílico e guache) têm um uso bem recorrente, inclusive em livros destinados às crianças pequenas e de grande difusão, não sendo a tinta a óleo muito usada por conta do tempo de secagem longo. Também são muito utilizadas técnicas de colagem.

Na virada do século xxi, a mistura de técnicas já é de suma importância, também sendo impulsionada pelas imagens fotográficas a partir dos anos 80. Desde o começo do século, o constante aperfeiçoamento dos softwares de

desenho digital permitiu o avanço das paletas gráficas nas artes. A possibilidade de imitar técnicas manuais por meio de ferramentas digitais dificulta até a identificação de qual técnica foi usada na elaboração dos livros, não existindo mais, assim, limites nas variedades de técnicas, formatos, capas e diagramação.

Bruno Munari (1907 - 1998) explorou com maestria essas possibilidades, utilizando formatos diferentes em seu livros, com técnicas de coloração, dobradura e recorte, estimulando crianças e leitores com o tato do papel e sua textura. Um exemplo é o “Pré-Livros”, de Munari, que, voltado a crianças que ainda não sabem ler, passa sensações cromáticas, táteis, térmicas e sonoras. Já que as crianças costumam explorar o mundo através de seus sentidos, possivelmente irão lembrar do livro como algo que revela surpresas ao ser aberto.

DEFINIÇÕES

LIVRO COM ILUSTRAÇÃO

O texto é predominante e sustenta a narrativa, vem acompanhado de algumas ilustrações que se relacionam com o texto, mas nem sempre são importantes para a compreensão do conteúdo.

LIVROS ILUSTRADOS OU LIVRO IMAGEM

A imagem é predominante e pode ou não haver textos, que, quando existentes, se articulam com as imagens.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A organização da página é, majoritariamente, feita em quadros e não necessariamente é caracterizada pela presença de quadrinhos e balões, pois pode contar uma história sem texto ou com quadros que ocupam a página inteira também.

LIVROS POP-UP

Em um espaço de página dupla, esconde sistemas, abas e encaixes que permitem a mobilidade de elementos, podendo eles ser em duas ou mesmo em três dimensões.

LIVRO-BRINQUEDO

Se situa entre o livro e o brinquedo, contendo elementos associados ao livro e em três dimensões que permitam a brincadeira através dele, com pelúcias, figuras de plástico, bonecos, etc.

LIVROS INTERATIVOS

São livros que oferecem atividades, como pintura, colagens, recortes, construções e podem abrigar os materiais que serão utilizados para a interação como tintas, tecidos, adesivos, etc.

PROCESSO

EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS

Quando iniciei a disciplina de TFG I, a única certeza que eu tinha era a de trabalhar com a ilustração, pois ela sempre esteve muito presente na minha vida e foi crucial para a entrada no curso de Arquitetura e Urbanismo, porém, ao longo da graduação, acabei por me distanciar cada vez mais do desenho que não fosse o técnico e da criação de projetos arquitetônicos.

Durante a graduação, também pude ter contato com novas técnicas e experiências que jamais tinha imaginado possíveis e que seriam abordadas dentro do curso escolhido. Nas disciplinas de Projeto Visual Gráfico e Ambiental, foi ampliado o horizonte das coisas que eu poderia criar e imaginar. Uma delas foi a experiência de poder projetar um livro, ilustrando o texto “Cor-de-rosa” de Carlos Drummond de Andrade, onde inicialmente texto e desenho foram feitos de maneira manual, com colagens de papéis coloridos, desenho e texto em caneta nanquim, e posteriormente de forma digital com o software “Illustrator”, iniciando minha jornada nos desenhos digitais. Já na matéria ministrada pelo professor Vicente Gil de Desenho Gráfico Experimental, a proposta foi de ilustrar o livro “Cidades Invisíveis” de Italo Calvino, onde

me aventurei com ilustrações todas de forma manual, sendo assim, essas as experiências mais marcantes da ilustração durante a graduação.

Infelizmente, no ano de 2020, fomos acometidos pela pandemia da Coronavírus (Covid-19), em que tivemos mais de 670 mil mortes no Brasil e 6,30 milhões de mortes no mundo, até a data deste texto (07/2022). Neste período, nos adaptamos a ficar mais em casa, tendo aulas e estágios de forma virtual, o que causou um grande estresse e mais uma vez me conectei à ilustração como forma de terapia. Aventurei-me nas artes digitais e tradicionais novamente, as quais me ajudaram a manter a calma em alguns momentos de estresse e esse foi o motivo pelo qual decidi que gostaria de ligá-la ao curso de arquitetura para o meu Trabalho Final de Graduação.

No começo, não sabia muito bem o que eu queria contar em um livro ilustrado de arquitetura. Pensei inicialmente em percorrer um caminho com edifícios históricos do centro de São Paulo; depois, na possibilidade de realizar um percurso com obras de um mesmo arquiteto; em seguida, na ideia de criar um guia ilustrado de Artacho Jurado; uma outra opção inicial foi relacionada a obras de Oscar Niemeyer; e, por fim, obras da arquiteta Lina Bo Bardi.

Durante esse reconhecimento de qual ideia me agradava mais, pesquisando os edifícios e arquitetos, cheguei à conclusão que seria mais proveitoso ilustrar uma única obra e ir um pouco mais a fundo nela e escolhi o Sesc Pompeia, que me encantou.

Em minha primeira visita, no ano de 2019, realizei a Visita Patrimonial oferecida pelo Sesc e por pesquisadores da história do edifício de Lina. Conhecemos os espaços da unidade com o guia que nos explica as motivações de Lina Bo Bardi para o projeto de restauração, o que foi, explicando o que foi mantido e alterado e o motivo para essas decisões projetuais para complementar a fábrica pré-existente.

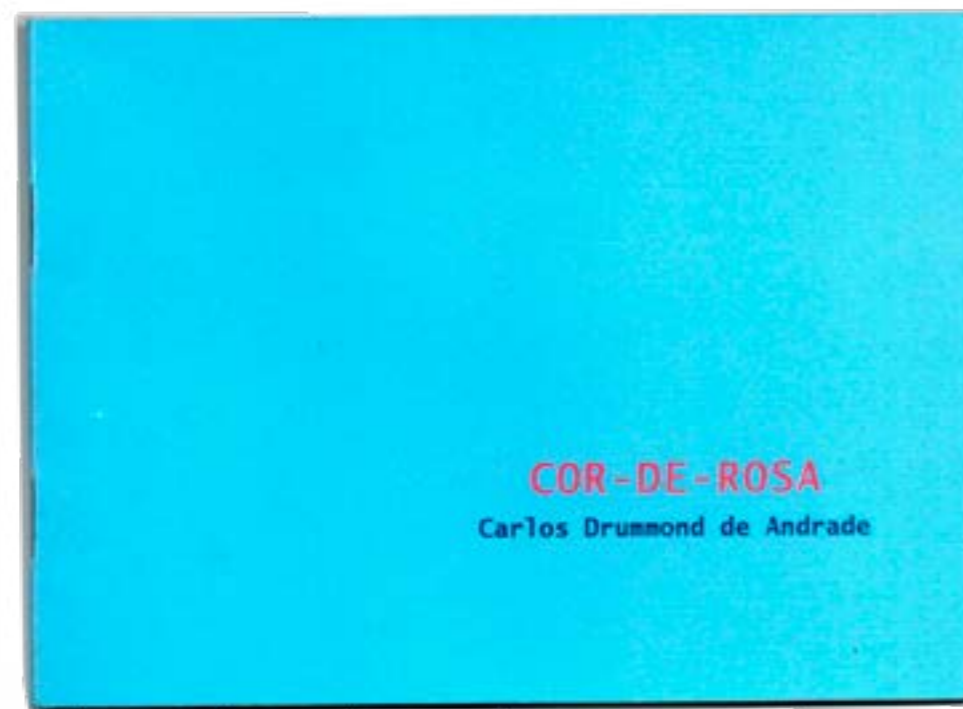


Fig. 1. Livro "COR-DE-ROSA" realizado na disciplinas de Projeto visual gráfico. Acervo próprio



Fig. 2. Ilustração do livro "cidades invisíveis": as cidades e as memórias. Acervo próprio

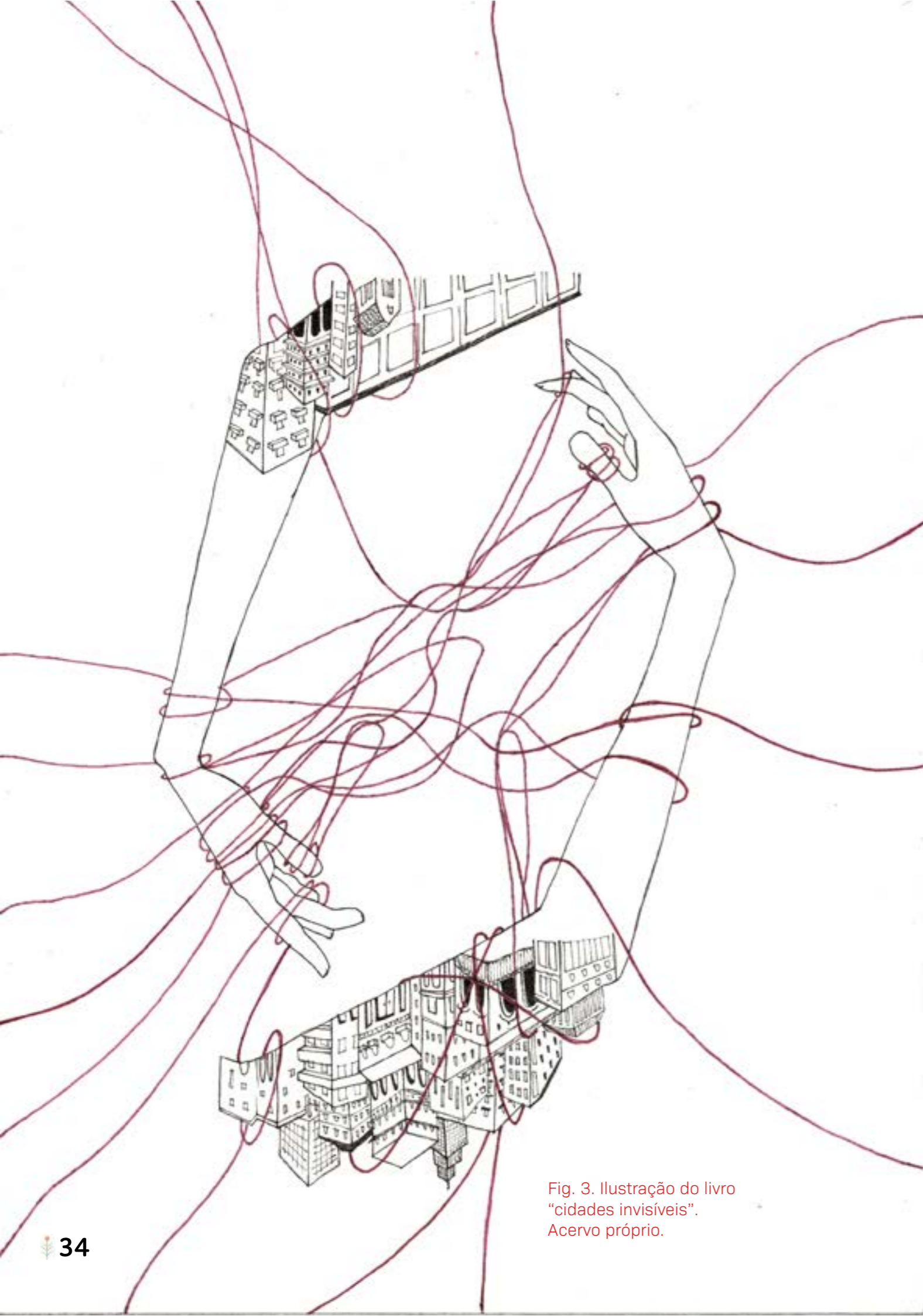


Fig. 3. Ilustração do livro
"cidades invisíveis".
Acervo próprio.

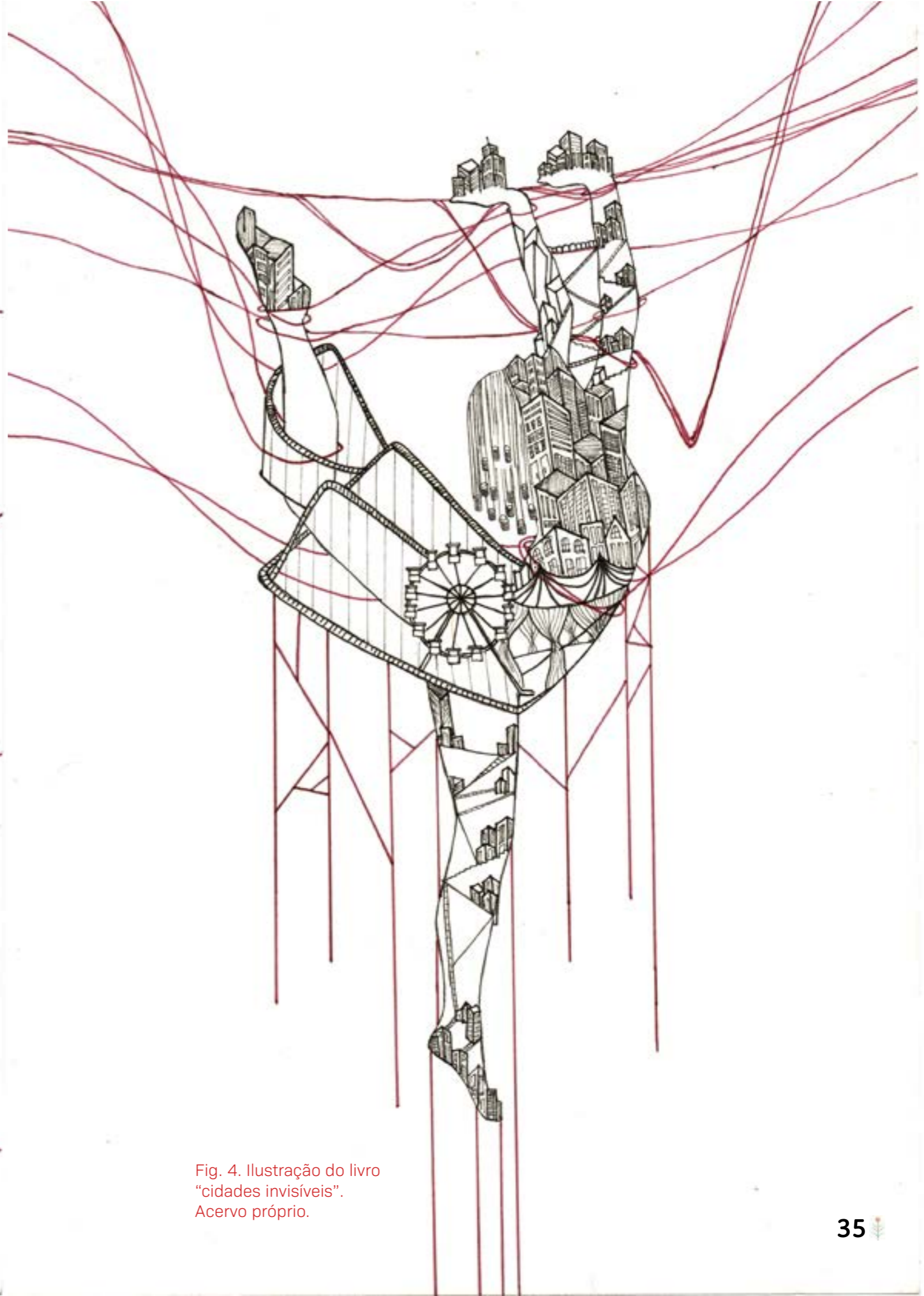


Fig. 4. Ilustração do livro
"cidades invisíveis".
Acervo próprio.

O SESC

O Serviço Social do Comércio (SESC) foi criado em 13 de setembro de 1946 e é uma entidade privada, sem fins lucrativos e de interesse público. A entidade foi formada por comerciantes no pós-guerra preocupados em garantir harmonia e bem-estar dos comerciários e crescimento econômico.

Sua base conceitual é a Carta da Paz Social, que, assinada por comerciantes e industriais em 1945, postula em um dos tópicos “o capital não deve ser considerado apenas instrumento produtor de lucro, mas principalmente, meio de expansão econômica e bem-estar coletivo”. Nesta carta, é proposto o fundo social a ser aplicado em obras de serviço que beneficiem os empregados de todas as categorias, em assistência social em geral, defendendo a harmonia entre trabalhadores e empregadores, e o sindicato de funcionários e o capital privado.

“A indústria só pode prosperar, expandir-se, dentro de uma coletividade rica e feliz”, discursou Roberto Simonsen, o líder do encontro que criou os serviços sociais do comércio e da indústria, o Sesc e o Sesi (Serviço Social da Indústria).

A ideia prosperou depois que o então recém-empossado Presidente Eurico Gaspar Dutra editou um decreto-lei de contribuição compulsória. O Sesc é nacional com estruturas estaduais e, no caso paulista, junto com o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), é administrado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomérciosSP).

O primeiro endereço do Sesc foi na rua Boa Vista, no prédio da Associação Comercial de São Paulo, com suas atividades voltadas para a saúde. Já no final da década de 1940, foram inaugurados novos centros sociais com atuação no Tatuapé, Santana, no interior e litoral, ocupando casarões alugados, que tinham atividades diversas de ensino, esporte, cultura e saúde, setor que se mantinha como o mais relevante. A primeira obra construída foi em Bertioga (1948), onde começaram a ser prestados serviços com custos subsidiados, como restaurantes e colônias de férias.

LINA BO BARDI

Achillina Bo, mais conhecida como Lina Bo Bardi (1914-1992), foi uma arquiteta modernista ítalo-brasileira. Naturalizada no Brasil após a Segunda Guerra Mundial, foi uma das únicas formandas mulheres de sua turma em Arquitetura na Universidade de Roma na década de 1930.

Insatisfeita com a falta de oportunidades para exercer sua profissão em Roma, uma cidade antiga e cheia de regras arquitetônicas, mudou-se para Milão, onde trabalhou em uma revista, na qual desenvolveu mais suas habilidades para artes gráficas e também apreço por elas, e fundou seu próprio escritório. Enfrentou, porém, um período difícil devido à Guerra e se juntou a Bruno Zevi para fundar a revista semanal “*A cultura della vita*”. Em 1943, ingressa no partido comunista italiano, participando da resistência à invasão alemã.

Em 1946, casou-se com o jornalista Pietro Maria Bardi e, devido aos traumas da Guerra, partiu para o Brasil, onde viveu o resto de sua vida. No país ainda em formação, encontrou uma potência para aplicação de suas ideias. Instalou-se no bairro do Morumbi, em São Paulo, onde construiu a famosa Casa de Vidro.

Ao longo de suas viagens pelo Brasil, Lina desenvolveu uma grande admiração pela cultura popular do país, que passou a influenciar suas obras, dos mobiliários à construção, sempre em um diálogo entre o moderno e o popular. Sempre levou em consideração a forma como as pessoas ocupam o lugar do projeto, se adaptando a essas necessidades.

Lina é convidada para o projeto do Museu de Arte de São Paulo (MASP); mais tarde, passa um período na Bahia, dirigindo o Museu de Arte Moderna. Nesse mesmo estado, realiza o projeto de recuperação do Solar do Unhão, que confere a ela a notoriedade para fazer o projeto de recuperação da Fábrica da Pompeia, que seria uma nova unidade do Sesc-SP. Ela se tornou, a partir daí, uma forte referência para a história da arquitetura na segunda metade do século XX. Também realizou na década de 80 projetos de restauração para o centro histórico de Salvador, que é reconhecido pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade.

O SESC POMPEIA

O Sesc Pompeia é um centro de cultura e lazer localizado no bairro Vila Pompéia, no distrito de Perdizes da zona oeste da cidade de São Paulo, um bairro cuja história está ligada ao início da industrialização do Estado.

A Fábrica que posteriormente se tornaria o SESC Pompeia foi construída em 1938, pela firma alemã *Mauser & Cia Ltda*, baseada em projetos ingleses característicos do século. Em 1945, a Indústria Brasileira de Embalagens (IBESA) adquiriu o lugar para a produção de tambores (embalagem) e, posteriormente, também foi instalada a indústria de geladeiras a querosene, a Gelomatic.

O lugar começou a ser usado, antes mesmo de ser restaurado, pelos comerciantes e suas famílias como um lugar de lazer e tinha um projeto já realizado por Júlio Neves, um projetista de shoppings modernos da época, que previa a demolição de toda a fábrica para a construção do zero do novo Sesc em uma musculatura de concreto.

Como o vice-presidente e outras pessoas envolvidas na administração do Sesc tinham um apreço por antiguidades e estavam preocupados com as finanças, chegou-se ao nome da

arquiteta Lina Bo Bardi, que tinha restaurado o Solar do Unhão em Salvador , uma obra do século 17.

Lina entrou pela primeira vez na Fábrica de Tambores da Pompeia em 1976, ocasião que despertou nela a curiosidade por recuperar e transformar o local em centro de lazer. Lina ficou encantada com a elegante e precursora estrutura de concreto pré-moldado ali presente, que lembrava o pioneiro François Hennebique, e com a boa distribuição dos galpões seguindo projetos ingleses do século XIX.

Na segunda visita ao local, em um sábado, Lina não se depara mais com o espaço vazio: lá estavam crianças, mães, pais e anciãos passando de um pavilhão ao outro, utilizando o espaço, jogando bola, fazendo piqueniques, conversando, etc. Lina logo pensou que teria que manter aquilo que estava vendo, um lugar cheio de alegria e ocupado por todos. Ela volta durante alguns fins de semana para fixar as cenas populares que vê por lá e levá-las ao seu projeto, para que assim a essência do lugar não fosse perdida.

Foi com essa visão de uma cidadela de liberdade, aberta para todos, como um centro de cultura e lazer, que Lina fez o projeto do Centro de Lazer Fábrica da Pompeia. Sua premissa básica era recuperar e manter a velha fábrica, intervindo com maior ou menor intensidade através de uma perspectiva

contemporânea e evidenciando as modificações na estrutura original através da distinção entre os materiais, mantidos aparentes. Mais detalhes serão dados na explicação das ilustrações feitas para o livro.

PROJETO

EXPERIMENTOS INICIAIS

Após decidir o objeto de estudo, me foi perguntado pela orientadora como realizaria esse projeto e me interessei em tê-lo como tridimensional, para me arriscar no manuseio do papel e das práticas artesanais. Iniciei o processo de pesquisa sobre dobraduras pop-up (figuras 5 a 9) e a arquitetura do papel, realizando pequenos testes e esboços, para assim entender quais mecanismos seriam utilizados no livro a partir da escolha da história que seria contada.

Tentei ir ao Sesc Pompeia para ampliar as narrativas que poderiam ser contadas, porém, como ele esteve fechado na maior parte de 2021, só consegui fazer a visita no final do ano, quando ocorria uma exposição limitada à área de convivência. Já em 2022, as atividades foram retomadas com normalidade e, assim, foi possível fazer uma nova Visita Patrimonial, na qual conheci locais acessíveis somente com credenciais.

Na primeira etapa, pensei em falar sobre um percurso dentro do Sesc, tentei imaginar o percurso através de sua planta arquitetônica, mas a ideia foi deixada para trás. Posteriormente, esbocei a ideia de trabalhar com a jornada do herói: o leitor seria o protagonista e teria que viajar junto com um ajudante que acabou de o trazer uma missão de desbravar

o lugar desconhecido, saindo ao final do livro com toda a carga de conhecer o novo com uma nova experiência de vida.

Essas ideias acabam se entrelaçando na narrativa final escolhida, criando um livro totalmente ilustrado, sem textos em suas páginas, mas com um mini-guia para acompanhar sua leitura. A história se passa em três etapas no caminho central do Sesc de Paralelepípedos, sendo elas antes da restauração, após a restauração e se encerra no deque projetado por Lina, com a possibilidade de que o passado e o presente se entrelaçam na narrativa: de uma forma em que as páginas das duas partes do livro se misturem, com uma divisão sendo formada pelo caminho central, fazendo com que dessa forma cada parte se torne um livro independente, diferenciando a parte de cima e a parte de baixo da rua.

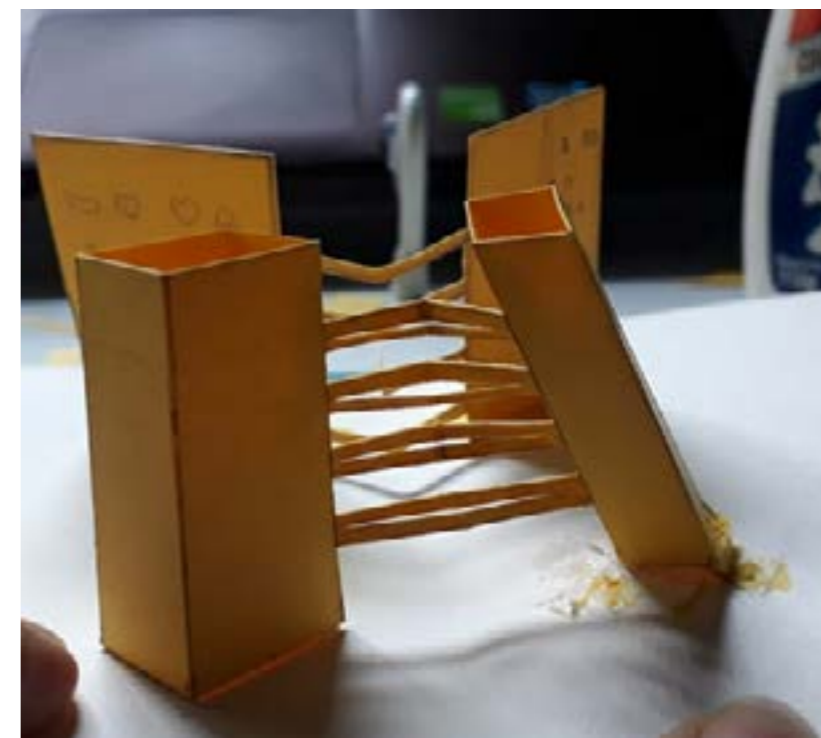
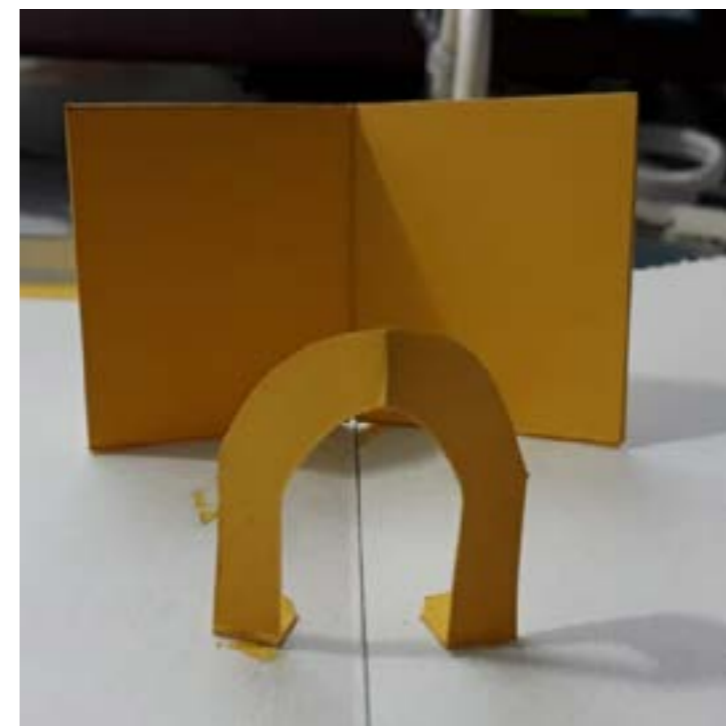


Fig. 5, 6 e 7. Testes iniciais de mecanismos pop-up.
Acervo próprio.

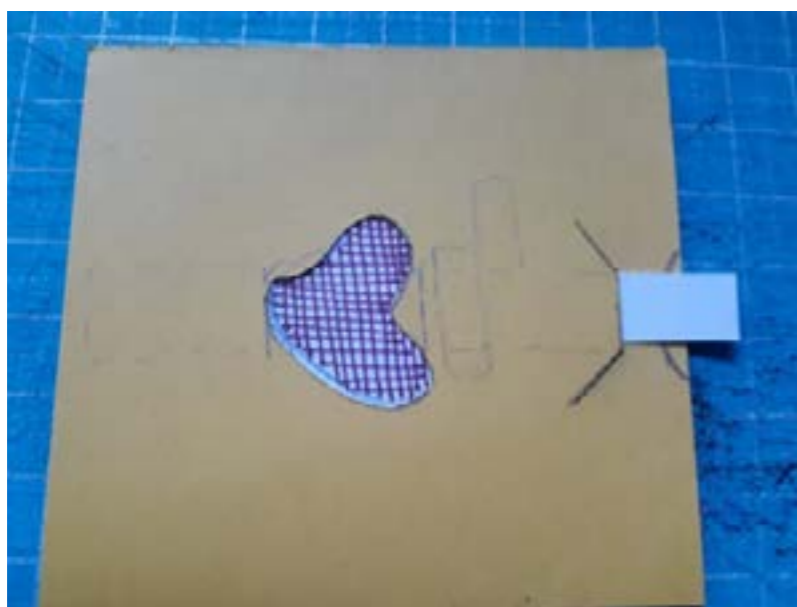


Fig. 8 e 9. Testes iniciais de mecanismos pop-up.
Acervo próprio.



Fig. 10. Esboço de percurso imaginado inicialmente, para o livro.
Acervo próprio.

A JORNADA DO HERÓI



Fig. 11. Esboço de ideia da Jornada do Herói.
Acervo próprio.



Fig. 12. Continuação esboço de ideia da Jornada do Herói.
Acervo próprio.

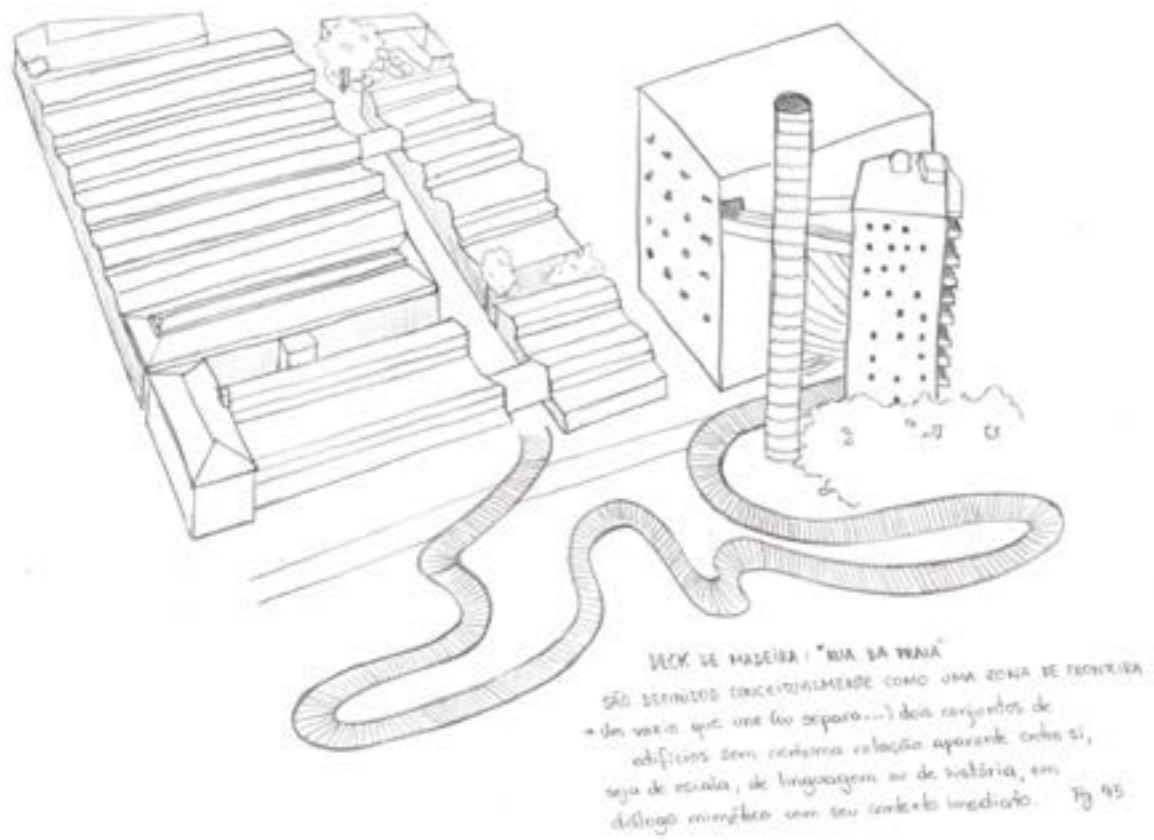


Fig. 13. esboços/croquis do Sesc Pompeia e mobiliário. Acervo próprio.

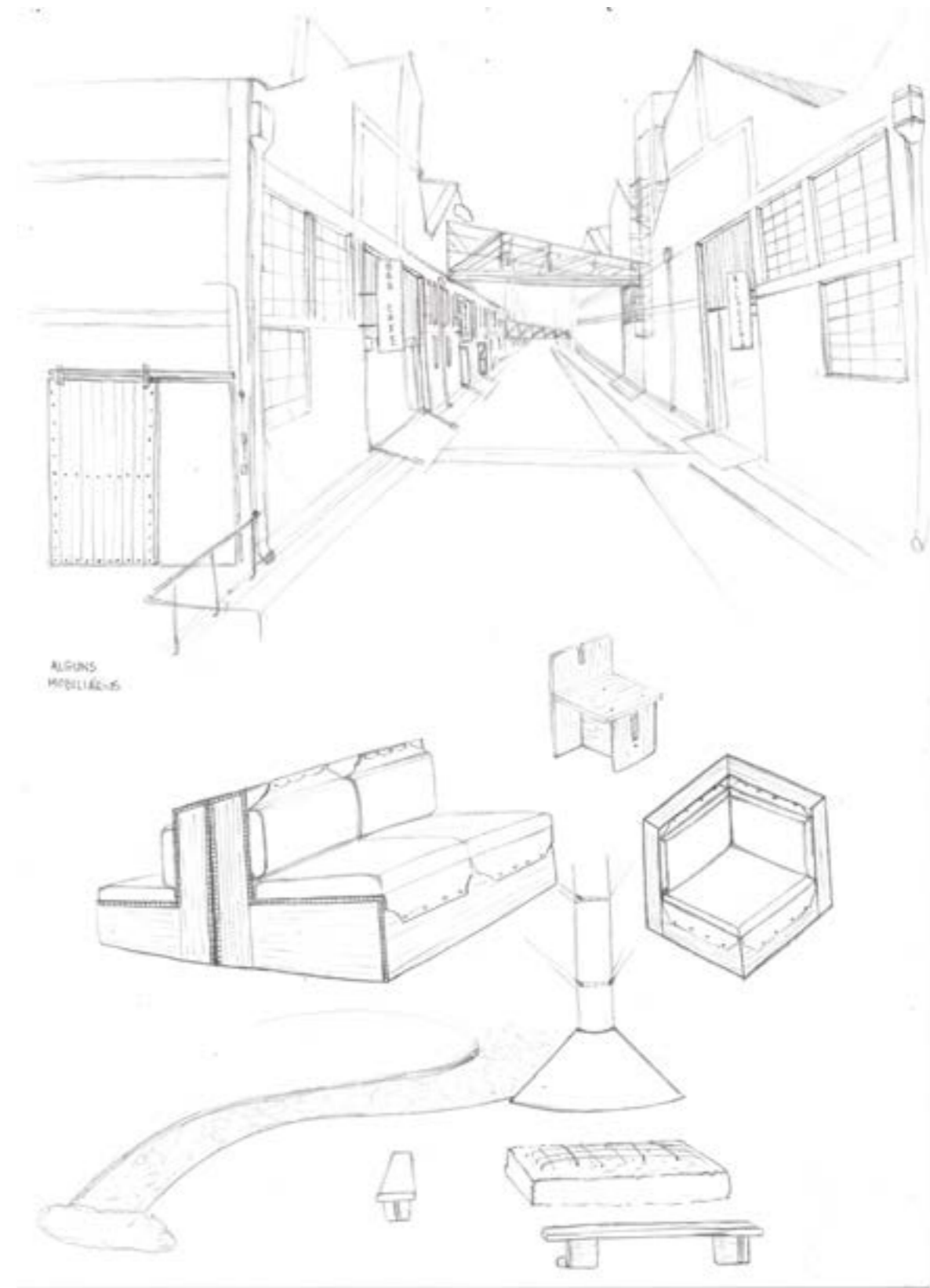


Fig. 14. esboços/croquis do Sesc Pompeia e mobiliário. Acervo próprio.



Fig. 15. esboços/croquis do Sesc Pompeia e mobiliário. Acervo próprio.



Fig. 16. esboços/croquis do Sesc Pompeia e mobiliário. Acervo próprio.



Fig. 20. esboços/croquis do Sesc Pompeia e mobiliário. Acervo próprio.

MATERIAIS

Para a execução do livro foram escolhidos papéis para impressão em jato de tinta e é necessário o uso de alguns instrumentos para melhor eficiência na hora da montagem.

FOLHAS DO LIVRO: Papel Opaline 240g/m²

MECÂNICAS POP-UP: Papel Opaline 180g/m²

CAPA: Papel roller 1,9mm

LIVRO ANEXO: Papel Opaline 180g/m²

INSTRUMENTOS PARA MONTAGEM: Base de corte; estilete; bisturi; tesoura; agulhão; vincador; dobradeira; régua acrílica e de aço; fita dupla face; fita crepe; cola de encadernação; lapiseira; borracha.

O Livro “Fábrica de Papel” ficou com as dimensões

Altura: 28 cm

Largura: 14 cm

Espessura: 3,0 cm

O Livro foi todo elaborado em papel tamanho A4, pois como foi idealizado durante o período pandêmico a intenção era

conseguir o executar e testar em casa sem ter que ir a gráfica várias vezes ao longo do projeto, então o papel A4 seria o mais fácil de realizar em uma impressora caseira. Assim o limitante para o formato do livro foi que o projeto conseguisse ser elaborado dentro do formato de folha A4.



Fig. 21. Material utilizado para montagem do livro.
Acervo próprio.

ILUSTRAÇÃO

A escolha do estilo de ilustração foi inspirado em partes pelos desenhos de Lina Bo Bardi, seus croquis coloridos que faziam parte do processo projetual da arquiteta e também por já ter uma afinidade nas artes digitais que produzo. Os desenhos também não seguem as escalas do projeto sendo livres e lúdicos.



Fig. 22. ilustração feita durante a pandemia, para um desafio de internet.
Acervo próprio.



Fig. 23. ilustração feita durante a pandemia, para um desafio de internet.
Acervo próprio.



Fig. 24. ilustração feita durante a pandemia, para comemorar meu aniversário.
Acervo próprio.

O LIVRO

CAPA E TÍTULO

O Sesc Pompeia teve seu primeiro nome “Centro de Lazer Sesc Fábrica da Pompéia”. Como escolhi dar tridimensionalidade à ele através de um livro com dobraduras, o nome Fábrica de Papel foi escolhido para representar esse projeto. A capa remete à construção de tijolos e à chaminé da fábrica, que foi demolida nos anos 1970 e representada pela Lina no projeto com a caixa d’água de 70 metros de altura, pois não existe fábrica sem chaminé.

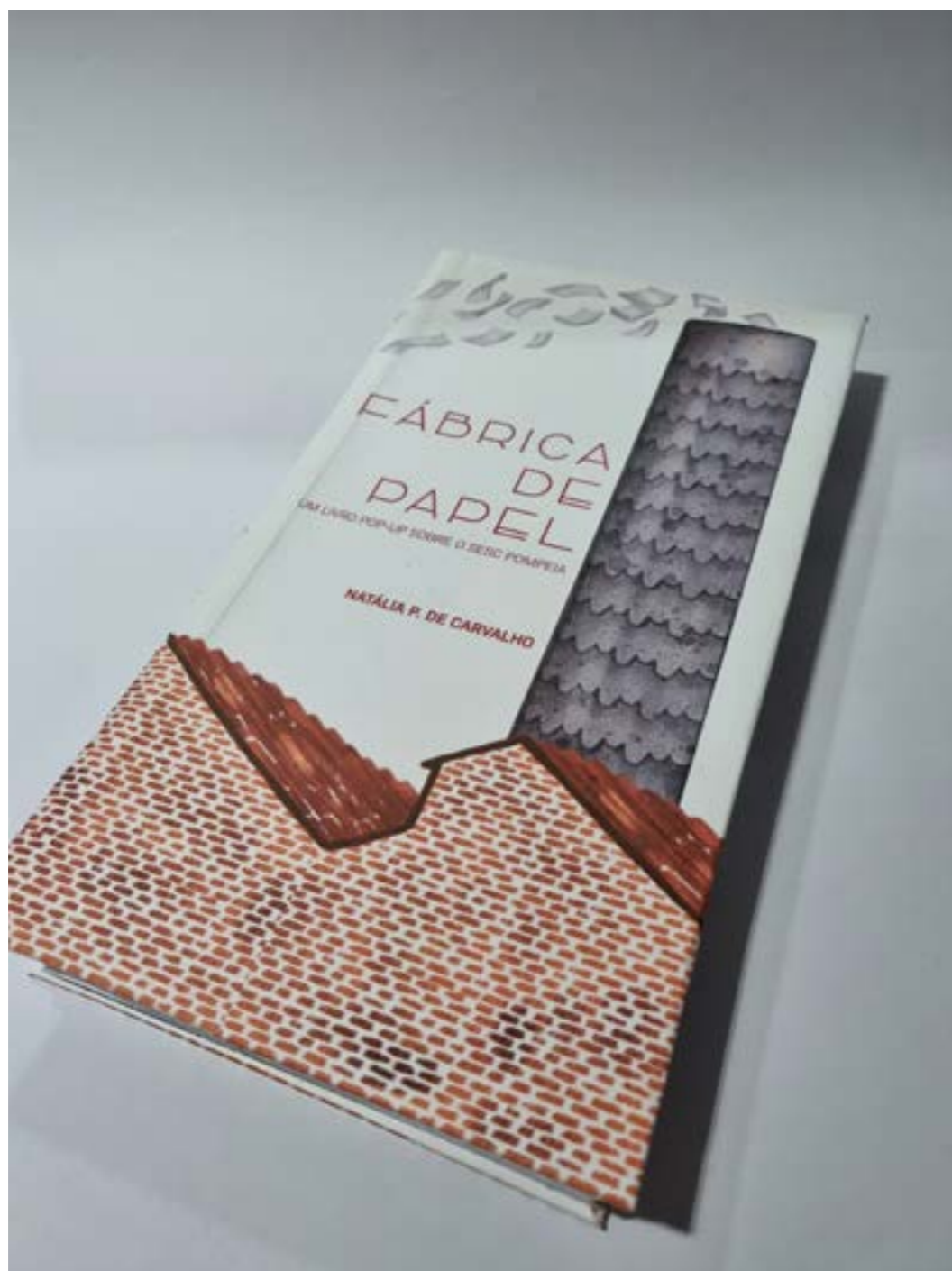


Fig. 24. Capa de livro "Fábrica de Papel".
Acervo próprio.

FOLHAS DE ROSTO

Nas folhas de rosto, logo que se abre o livro, é encontrado o mini guia com um mapa minimalista do Sesc Pompeia que te ajuda a entender onde você está dentro do edifício a cada página representada.

Também temos o título e uma ilustração da flor de mandacaru, escultura presente no encontro das passarelas, das torres de concreto, com o edifício, eles representam proteção e homenagem ao nordeste.



Fig. 25



Fig. 26



Fig. 27

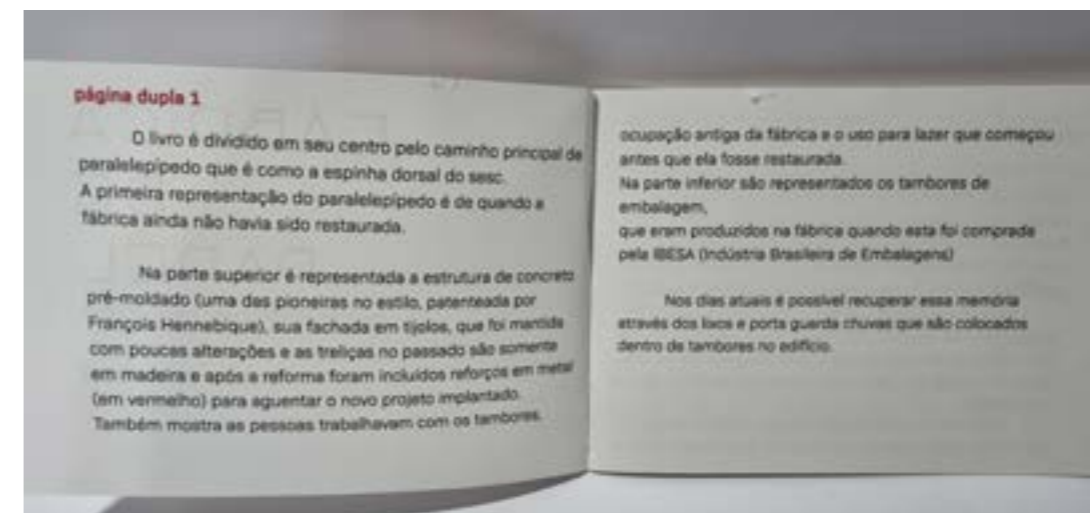


Fig. 28

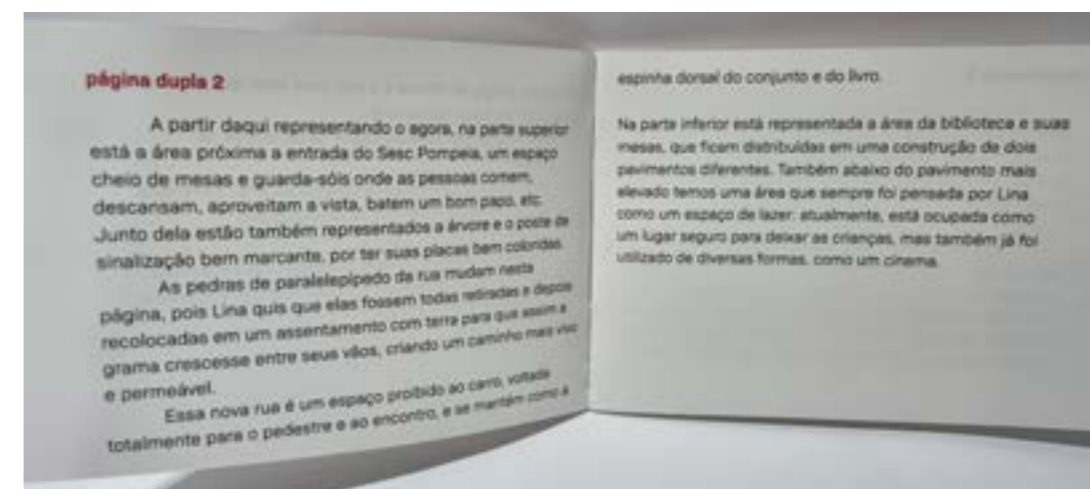


Fig. 29

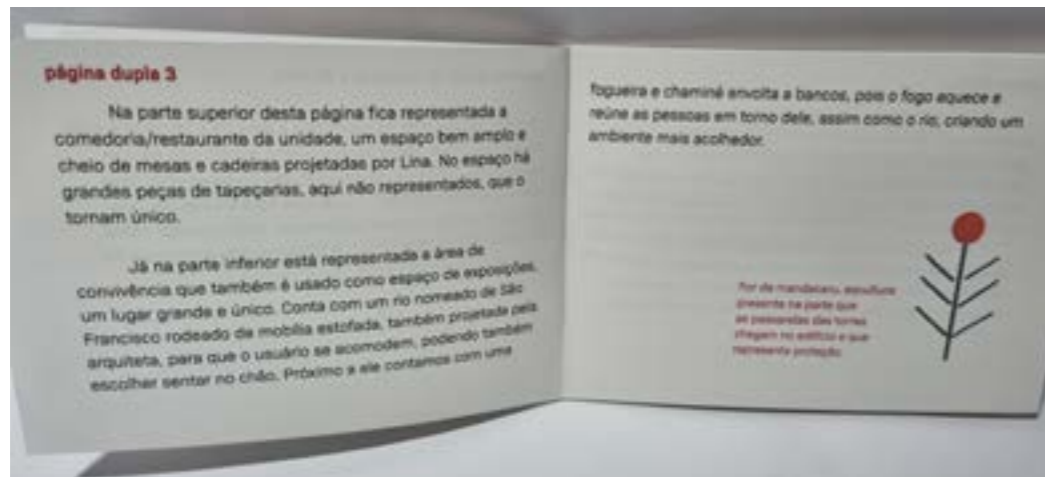


Fig. 30

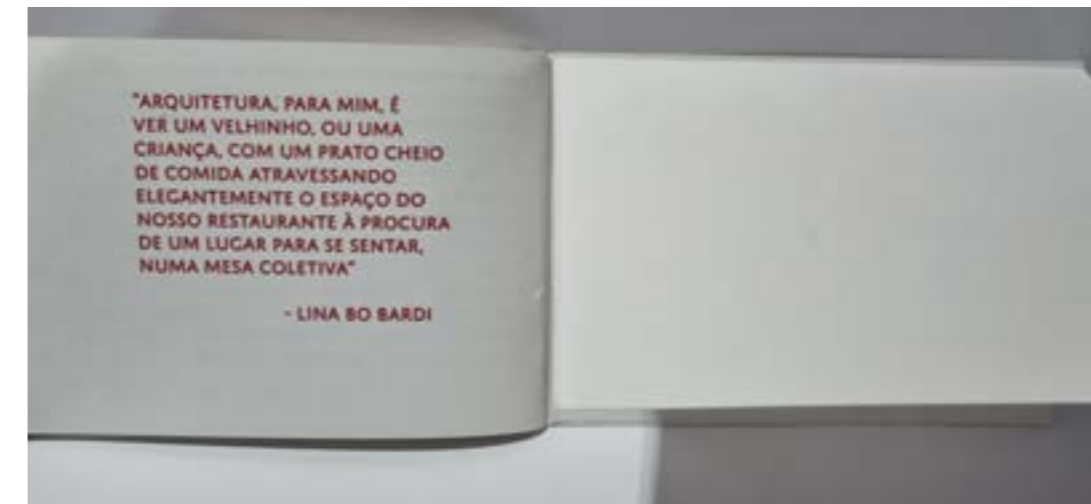


Fig. 33

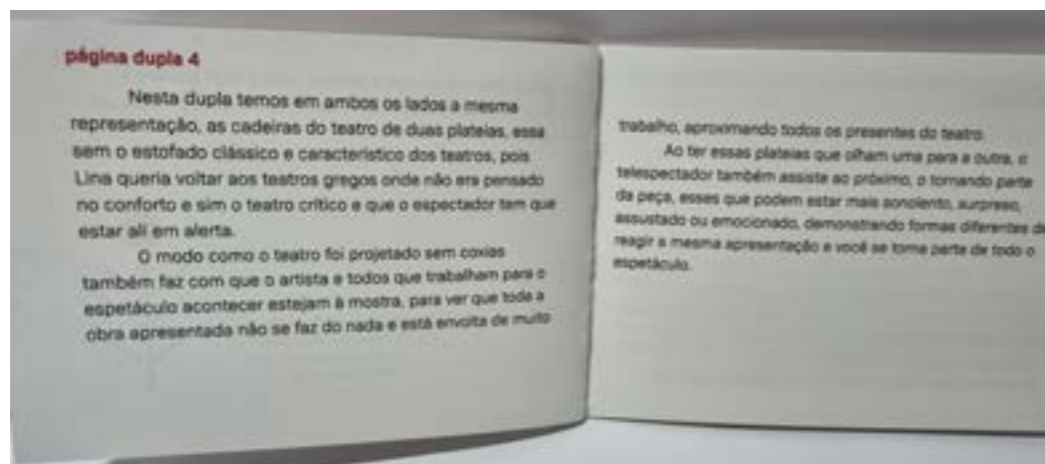


Fig. 31



Fig. 34



Fig. 32

Fig. 25 a 34. Folha de rosto "Fábrica de Papel" e caderno complementar ao livro. Acervo próprio.

PÁGINA DUPLA 1

Na parte superior é representada a estrutura de concreto pré-moldado muito encantadora, uma das pioneiras no estilo, patenteada por François Hennebique.

Ainda na parte superior outro mecanismo ilustra sua fachada em tijolos, que teve alterações em algumas aberturas na restauração. Já as treliças presentes no mesmo desenho, mostram o passado em madeira e após a reforma, reforços em metal (em vermelho) que complementam a estrutura da treliça para aguentar a carga do novo projeto implantado.

São representadas também pessoas trabalhando com os tambores, já que essa foi uma das ocupações da fábrica, e o uso para lazer que começou antes que ela fosse restaurada, por estar em ótimas condições.

No centro temos a rua de paralelepípedos, assentados com cimento da época em que a fábrica foi construída.

Na parte inferior são representados os tambores de embalagem, e não os de músicos, que eram produzidos na fábrica quando esta foi comprada pela IBESA (Indústria Brasileira de Embalagens).

Nos dias atuais é possível recuperar essa memória através das lixeiras e porta guarda chuvas que são de tambores, assim como os antes fabricados ali, mas esses menores que os originais, no edifício.

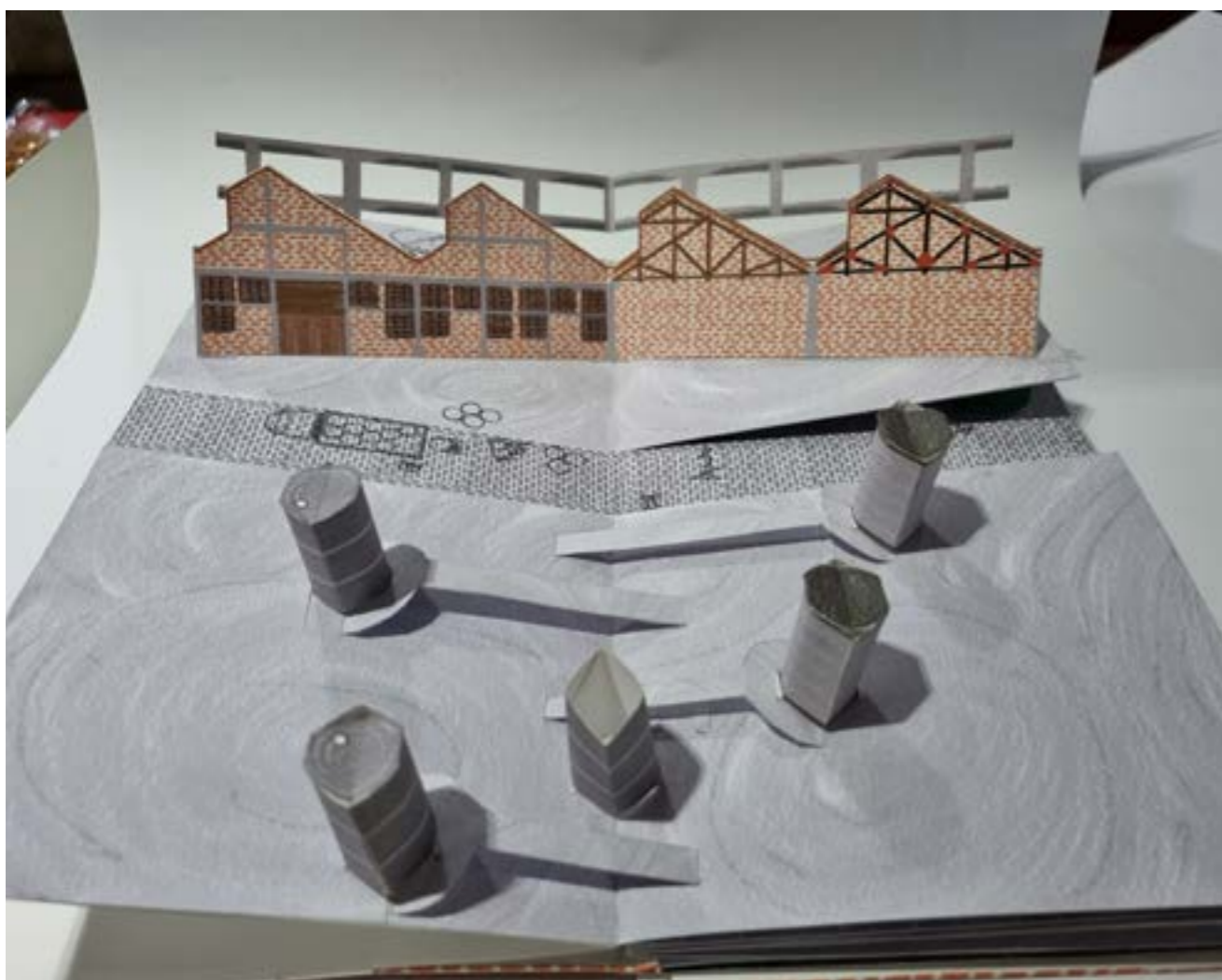


Fig. 35. Folha de rosto "Fábrica de Papel".
Acervo próprio.

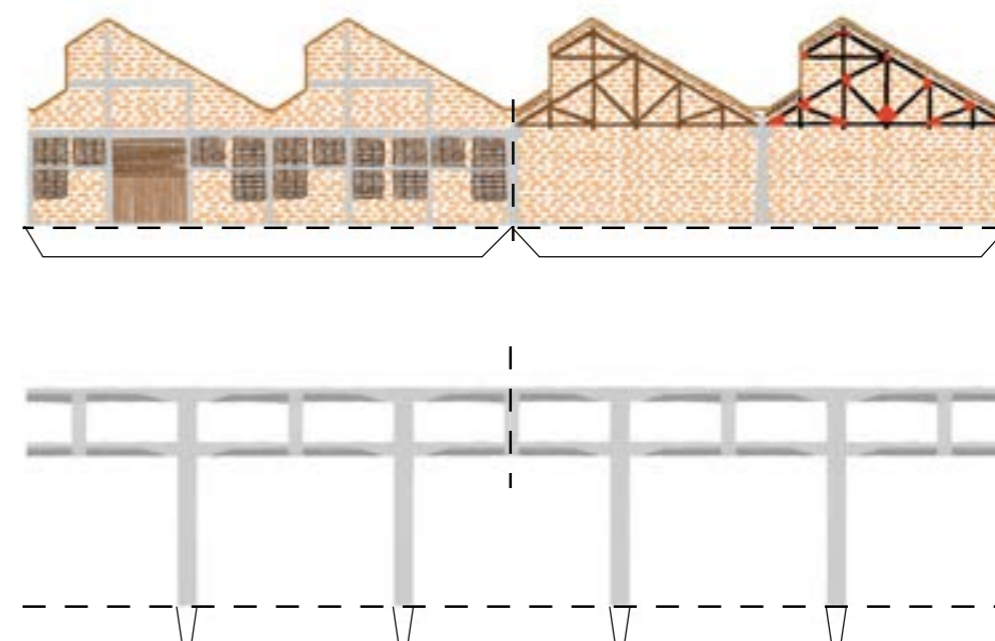
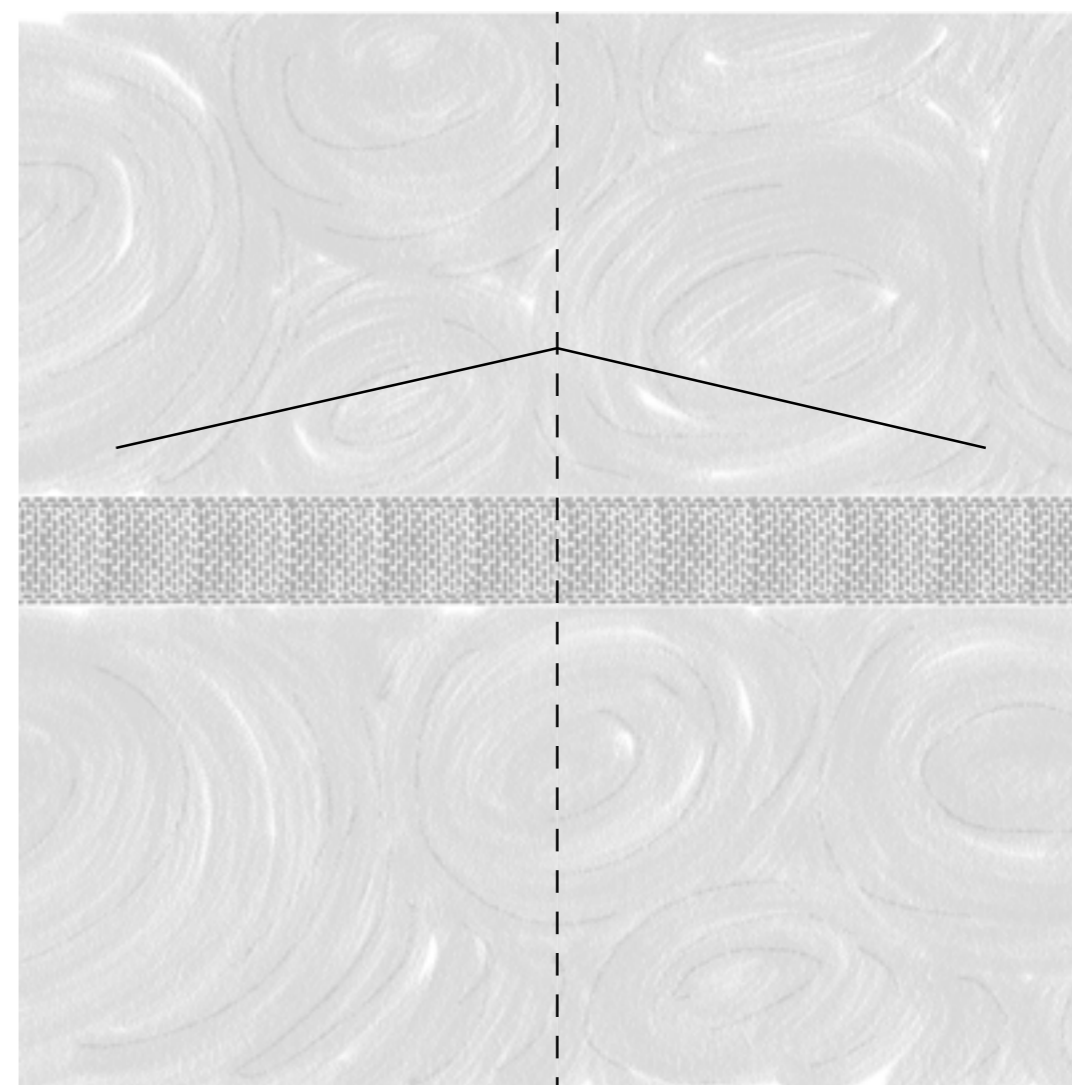


Fig.36. Peças utilizadas na confecção da primeira página.
Acervo próprio.

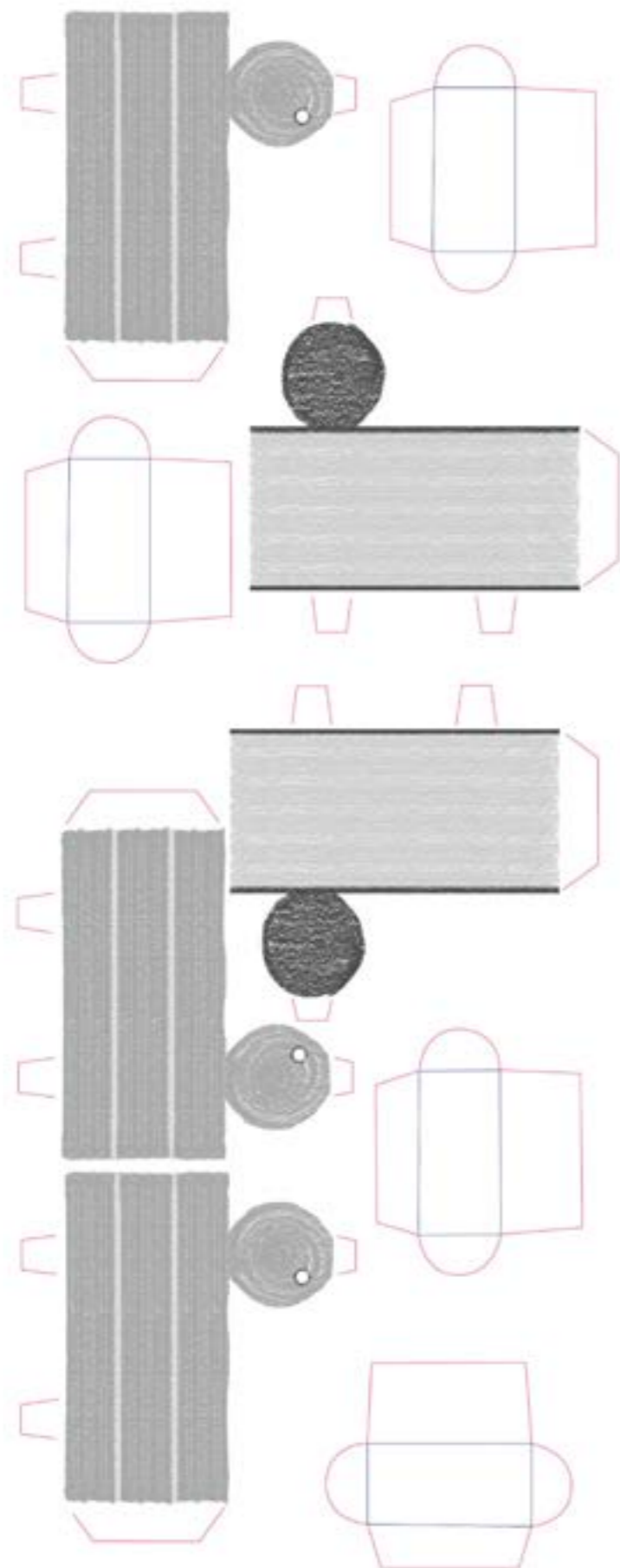


Fig. 37. Peças utilizadas na confecção da primeira página. Acervo próprio.

PÁGINA DUPLA 2

Aqui já entramos no projeto após a restauração, na parte superior, representado a área logo após a entrada da área do Sesc, um espaço cheio de mesas e guarda-sóis onde as pessoas comem, descansam, aproveitam a vista, batem um bom papo, etc. Junto dela estão também representados a árvore e o poste de sinalização que marca o lugar com suas placas coloridas.

As pedras de paralelepípedo da rua mudam nesta página, pois Lina quis que elas fossem todas retiradas e depois recolocadas em um assentamento com terra para que assim a grama crescesse entre seus vãos, criando um caminho mais vivo e permeável, que é de suma importância. Essa nova rua é um espaço proibido ao carro, voltada totalmente para o pedestre e ao encontro, e se mantém como a espinha dorsal do conjunto e do livro.

Na parte inferior está representada a área da biblioteca e suas mesas, que ficam distribuídas em uma construção de dois pavimentos diferentes. Também abaixo do pavimento mais elevado temos uma área que sempre foi pensada por Lina como um espaço de lazer: atualmente, está ocupada como um lugar seguro para deixar as crianças, mas também é utilizado de diversas formas, como um cinema.

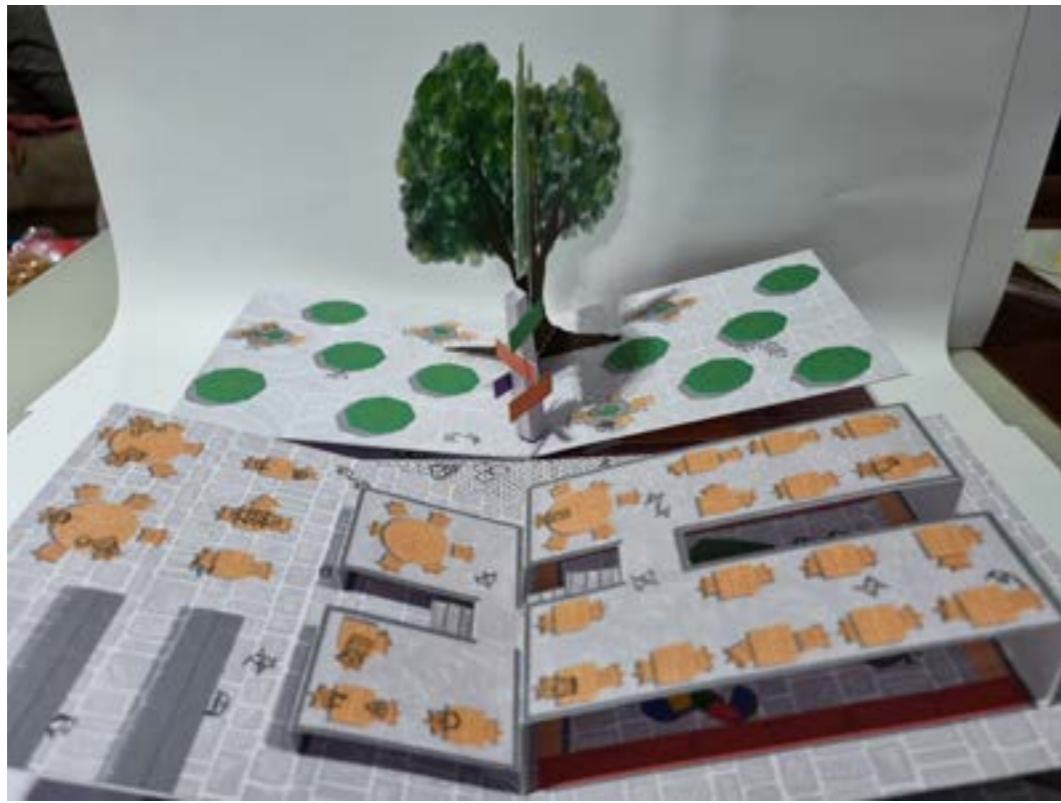


Fig. 38 e 39. Fotos da segunda página dupla do livro
Acervo próprio.

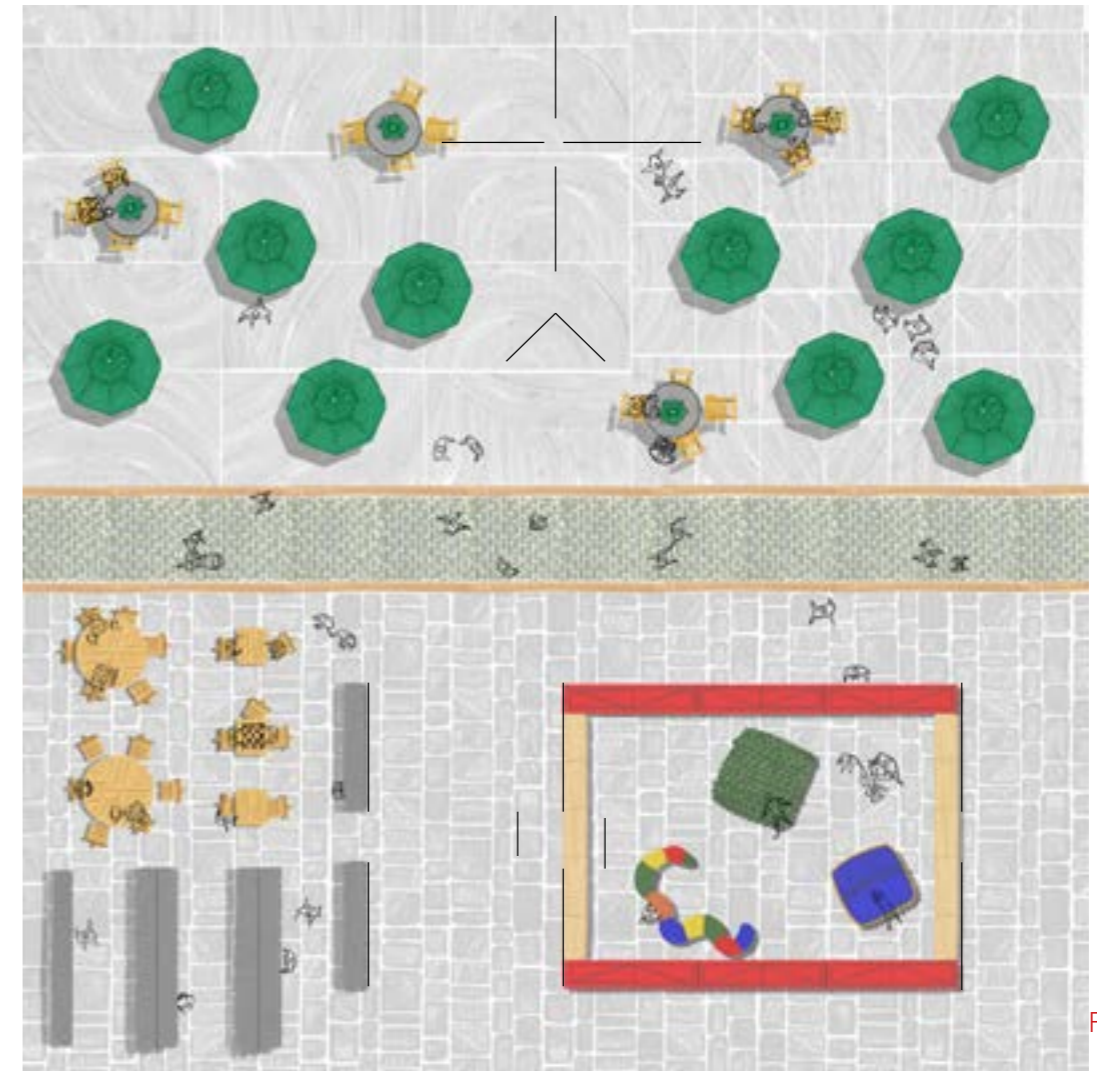


Fig. 40



Fig. 41

PÁGINA DUPLA 3

Na parte superior desta página fica representada a comedoria/restaurante da unidade, um espaço bem amplo e cheio de mesas e cadeiras, mobiliário projetado por Lina. No espaço há grandes peças de tapeçarias, encomendadas para o lugar, aqui não representados, que o tornam único.

Já na parte inferior está representada a área de convivência que também é usado como espaço de exposições, um lugar grande e único. Conta com um rio nomeado de São Francisco, em homenagem ao próprio, rodeado de mobília estofada, também projetada pela arquiteta, para que o usuário se acomode, podendo também escolher sentar no chão. Próximo a ele contamos com uma fogueira e chaminé envolta a bancos, pois o fogo aquece e reúne as pessoas em torno dele, assim como o rio, criando um ambiente mais acolhedor.

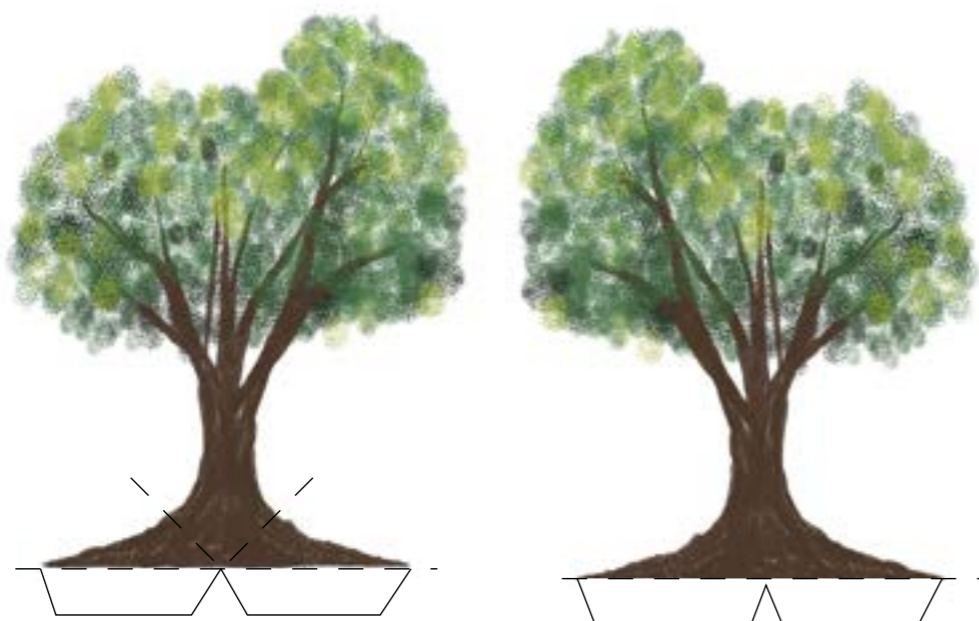


Fig. 42

Fig. 40 a 42.
Peças utilizadas
na confecção
da segunda
página.
Acervo próprio.



Fig. 43 e 44. Fotos da terceira página dupla do livro
Acervo próprio.

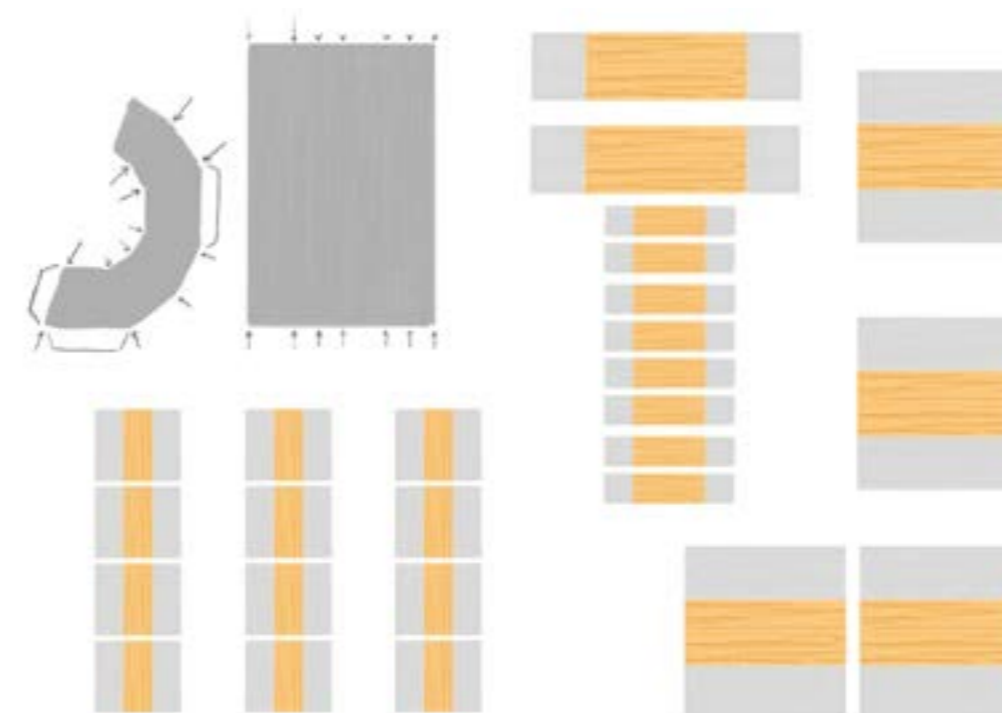
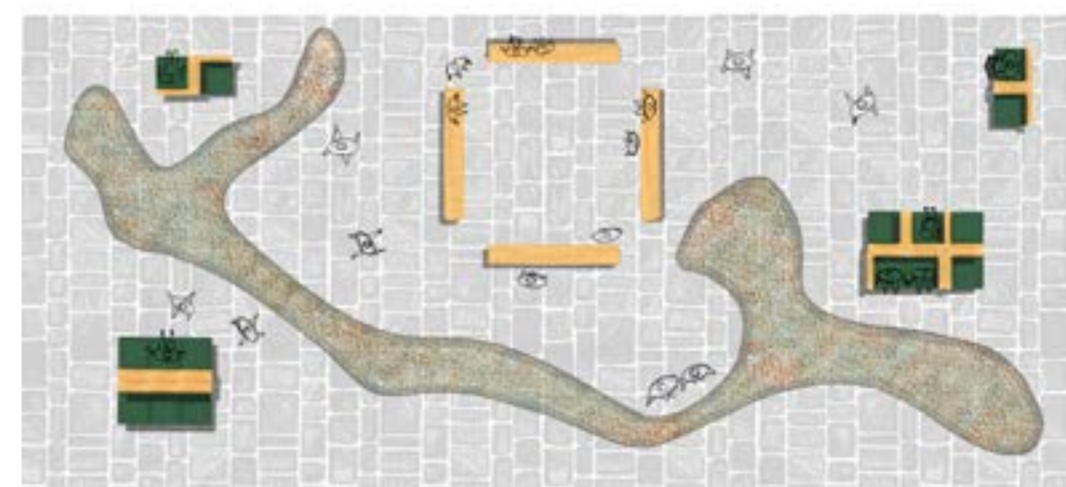
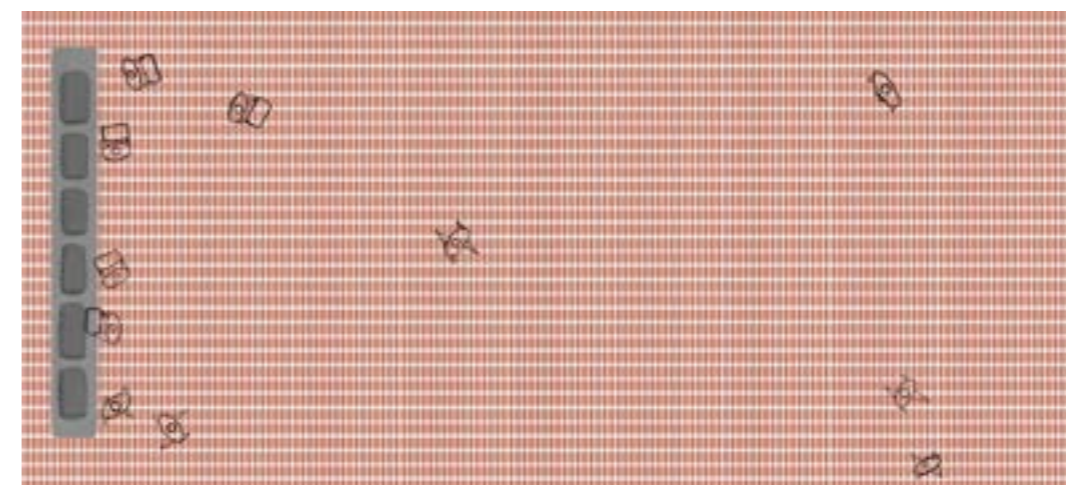


Fig. 45 e 46. Peças utilizadas na confecção da terceira página.
Acervo próprio.

PÁGINA DUPLA 4

Nesta dupla temos em ambos os lados a mesma representação, as cadeiras do teatro de duas plateias, essa sem o estofado clássico e característico dos teatros, pois Lina queria voltar aos teatros gregos onde não era pensado no conforto e sim o teatro crítico e que o espectador tem que estar ali em alerta.

O modo como o teatro foi projetado sem coxias também faz com que o artista e todos que trabalham para o espetáculo acontecer estejam à mostra, para ver que toda a obra apresentada não se faz do nada e está envolta de muito trabalho, aproximando todos os presentes do teatro.

Ao ter essas plateias que olham uma para a outra, o telespectador também assiste ao próximo, o tornando parte da peça, esses que são observador e assistidos podem estar mais sonolento, surpreso, assustado ou emocionado, demonstrando formas diferentes de reagir a mesma apresentação e você se torna parte de todo o espetáculo.

O intuito de colocar as duas plateias viradas no livro para a passarela é o de ver a rua e as pessoas passarem, sendo a única página que não representa ambientes opostos, pois uma das coisas que o ser humano mais gosta de observar o outro, e em uma obra que a rua é sua alma e peça principal, assisti-la é imprescindível.

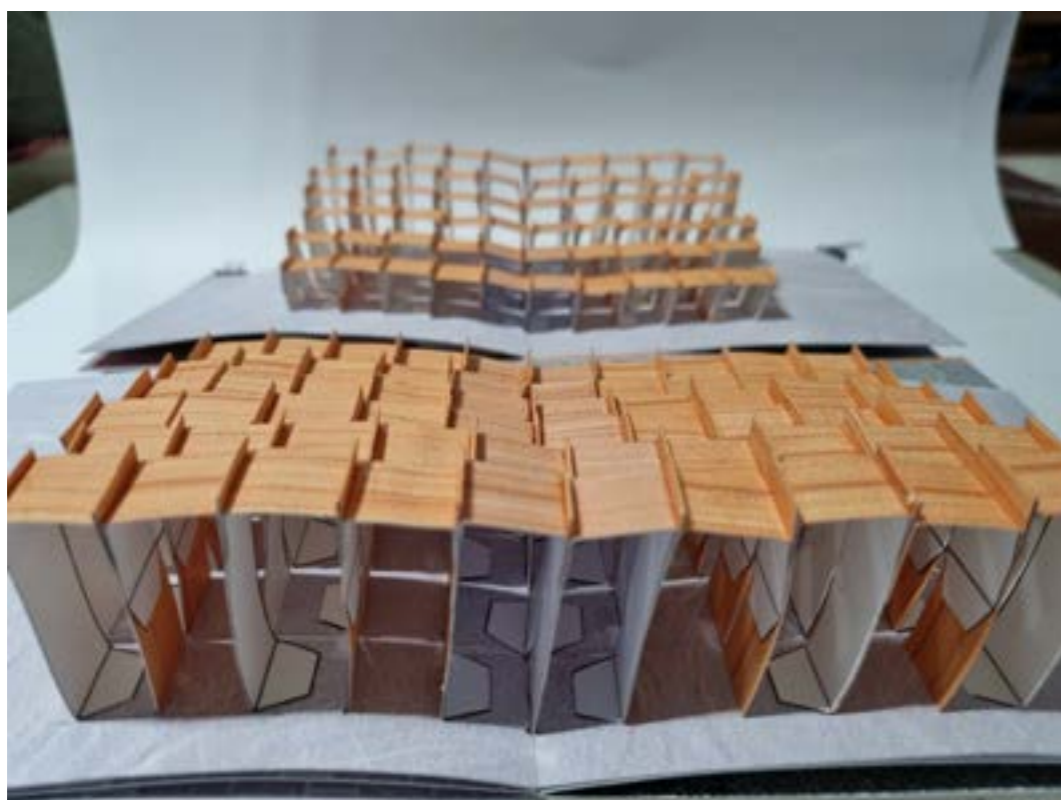


Fig. 47

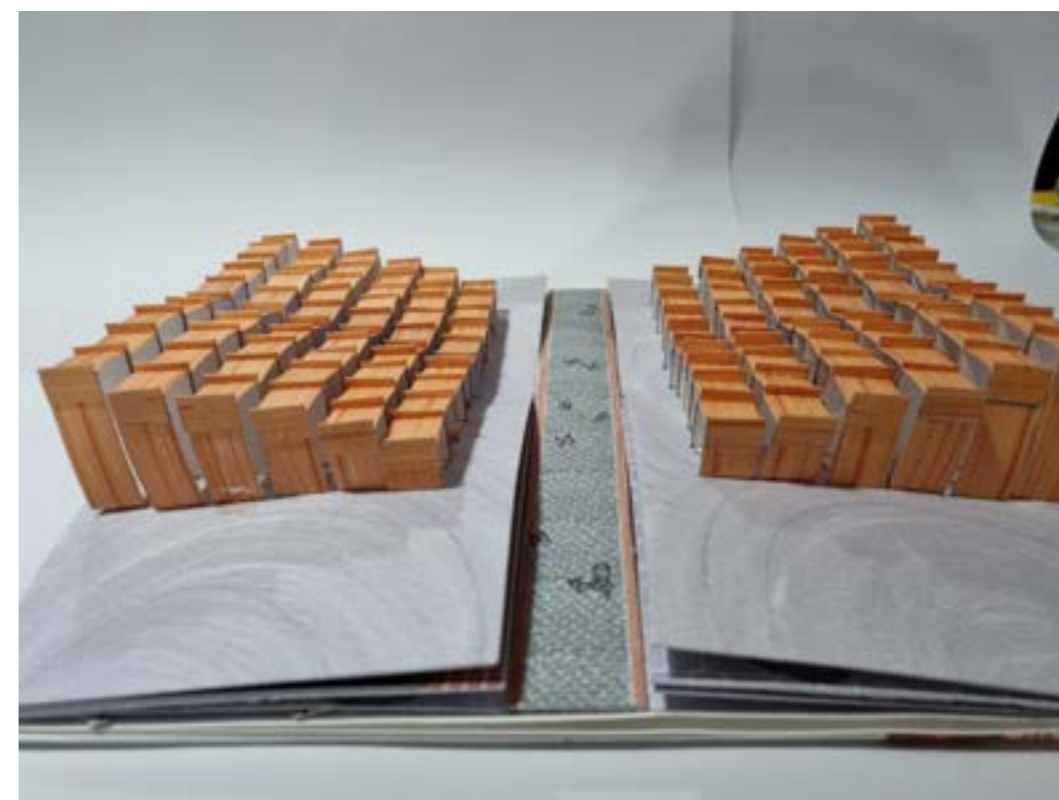


Fig. 49



Fig. 48

Fig. 47 e 49. Fotos da quarta página dupla do livro.
Acervo próprio.

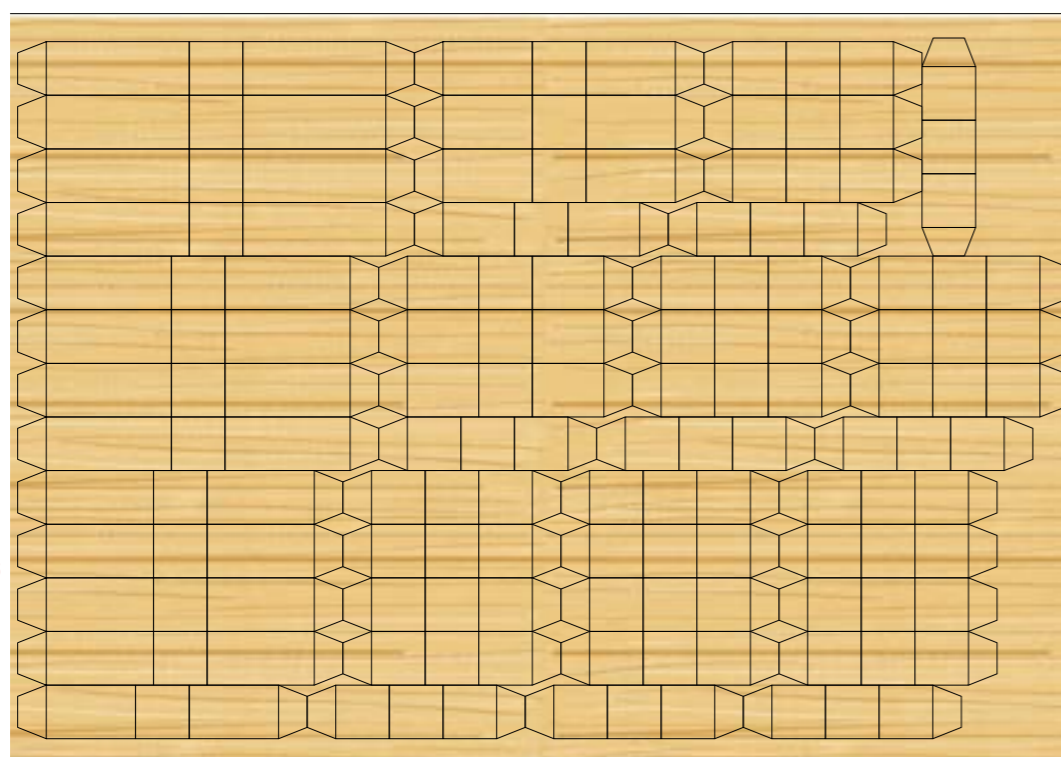
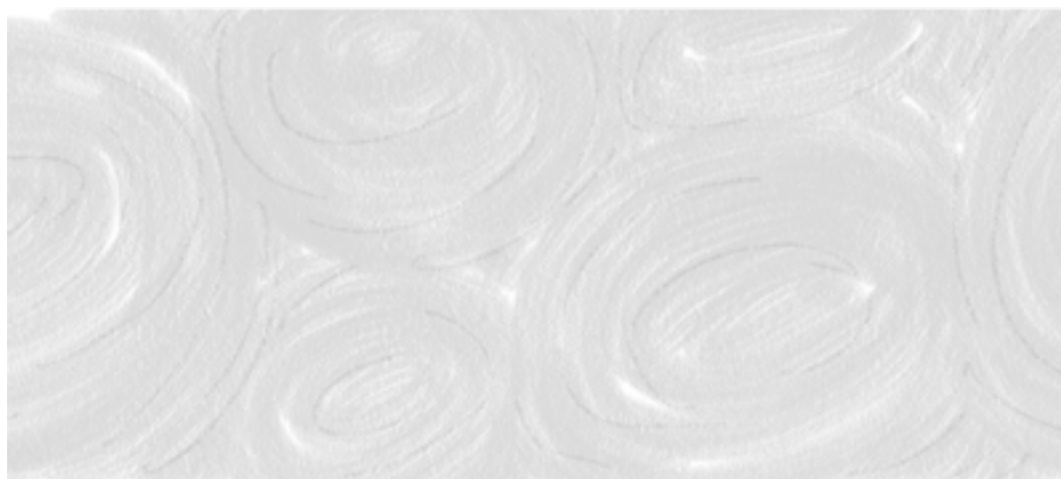


Fig. 50 e 51.
Peças utilizadas
na confecção
da quarta
página.
Acervo próprio.

PÁGINA DUPLA 5

Ao caminhar até o final da rua de paralelepípedos do Sesc se chega aos fundos do terreno, onde a paisagem até então conhecida da fábrica restaurada é mudada para um deque de madeira, “uma rua da praia”, como é conhecido, alguns colocam biquínis e tomam sol, às crianças correm, se conhecem e brincam umas com as outras, alguns tiram fotos, outros fazem piquenique, tudo cheio de liberdade.

Esse deque não foi uma ideia que veio do nada, ele está ali para representar o córrego Águas Pretas que por ali passava e, infelizmente, foi canalizado, pois Lina gostaria que o mesmo fizesse parte do projeto. Ele faz com que o bloco esportivo localizado no final do percurso seja separado em duas torres, que se abraçam em lindas passarelas de concreto protendido, que para muitos causa medo, ao caminhar sobre elas.

Com todo o projeto de readequação da fábrica, pouco espaço sobrou para que Lina incluísse as quadras esportivas e salas de atividades, sendo então escolhidas duas torres que lembram um forte de proteção militar, por serem grandes, imponentes e todas de concreto e feias, como ela dizia.

No bloco maior, onde estão presentes em seu térreo a piscina e nos outros andares as quadras e academia, ela criou aberturas como um buraco de caverna, um lugar de proteção,

visto que estávamos no período de ditadura militar; mas sem esquecer que quando você entra numa caverna para se proteger não pode esquecer o do que acontece lá fora e que terá que sair em algum momento.

Na torre menor é onde se encontra toda a circulação para ambas, tendo que subir através da amedontosa escada em caracol ou de seus elevadores. Nela também estão presentes os vestiários e algumas salas para atividades e aulas. Suas janelas são pequenas e salpicadas “aleatoriamente”.

Para que o livro mantivesse a abertura em 3 partes, as passarelas não foram representadas.

Também está presente nesta página a torre da caixa d’água que foi projetada com 70 metros de altura para representar a chaminé da fábrica demolida em 1970, quando alguns galpões foram abaixo por conta do antigo projeto que iriam construir, o novo Sesc seria implantando do zero no terreno.

Entretando, para Lina, não tinha como ser uma fábrica sem uma chaminé, então essa foi uma simbologia para a eternizar a que fora demolida. A forma irregular da caixa d’água foi concretada com tecidos como molde para parecer estar escorrendo, uma homenagem as mulheres rendeiras de Cajazeiras que fazem pensar que por ali enrolam suas prendas e também o rendado em homenagem ao arquiteto mexicano Luis Barragán.

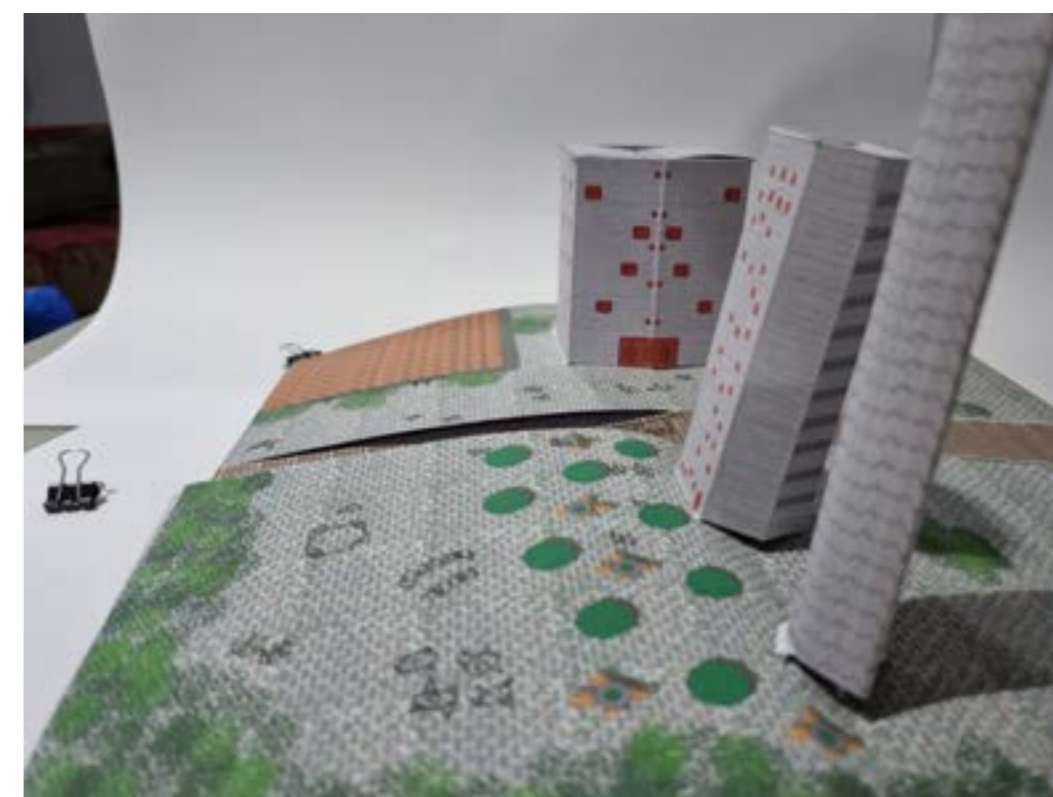
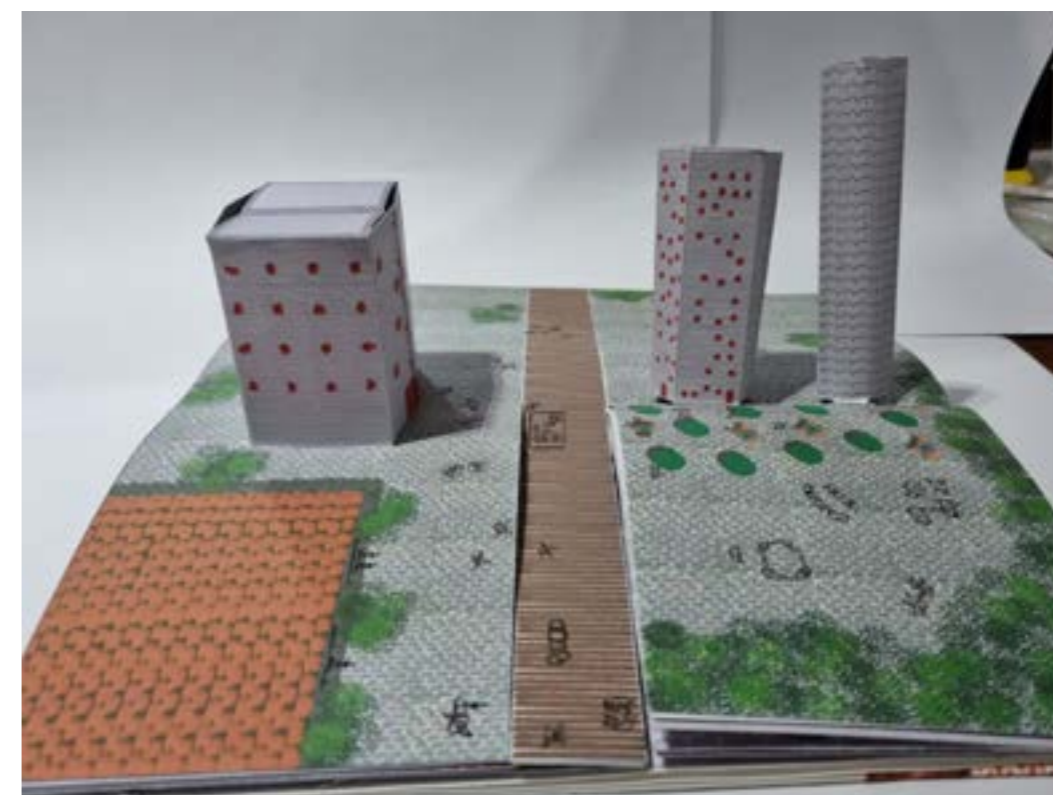


Fig. 52 e 53. Fotos da quinta página página. Acervo próprio.

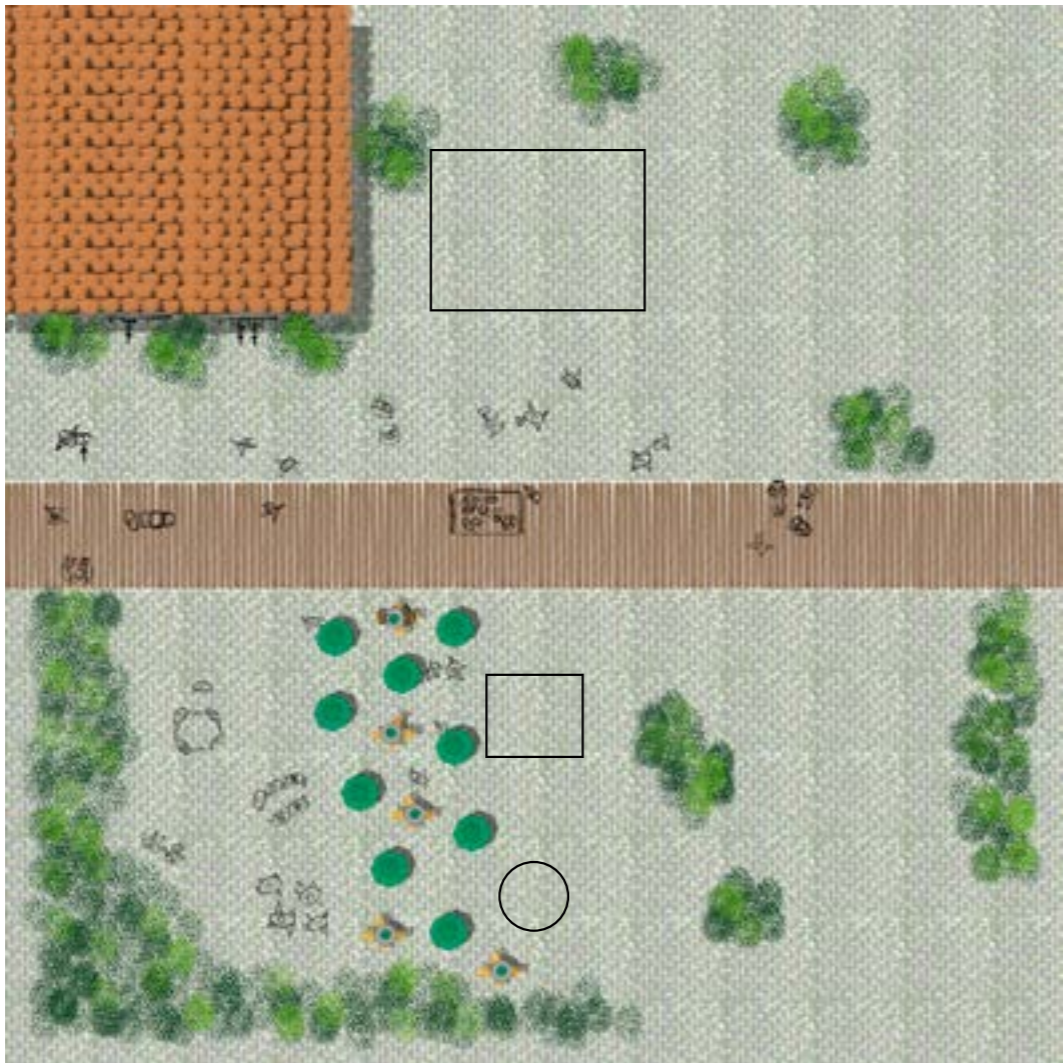


Fig. 54

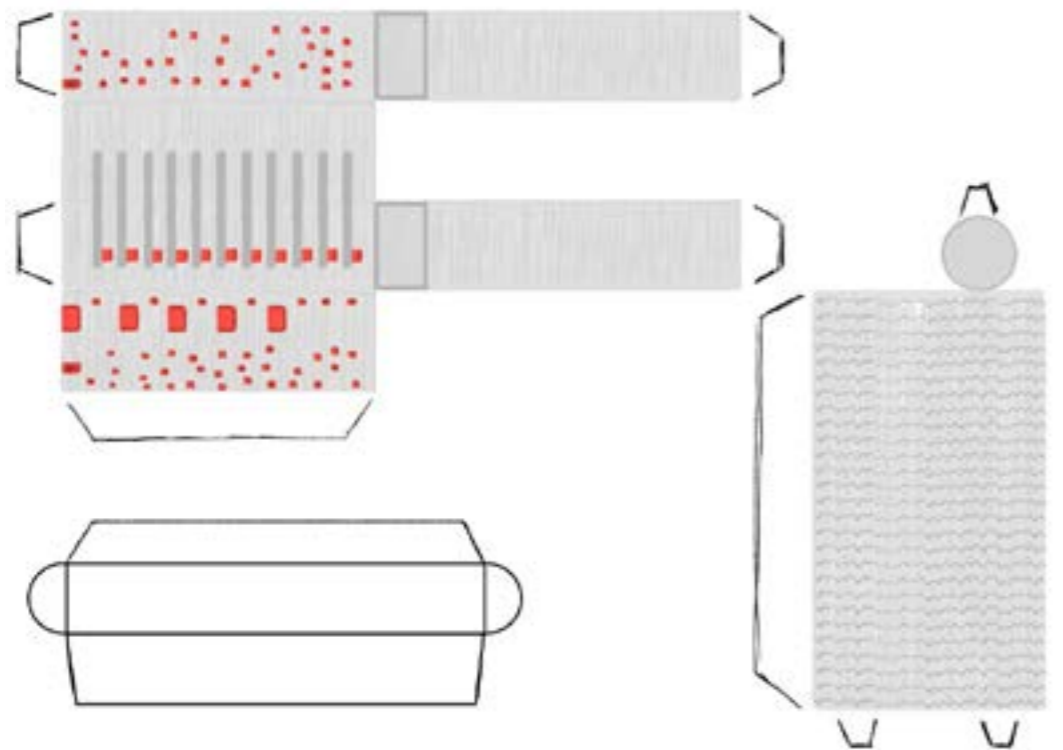


Fig. 55

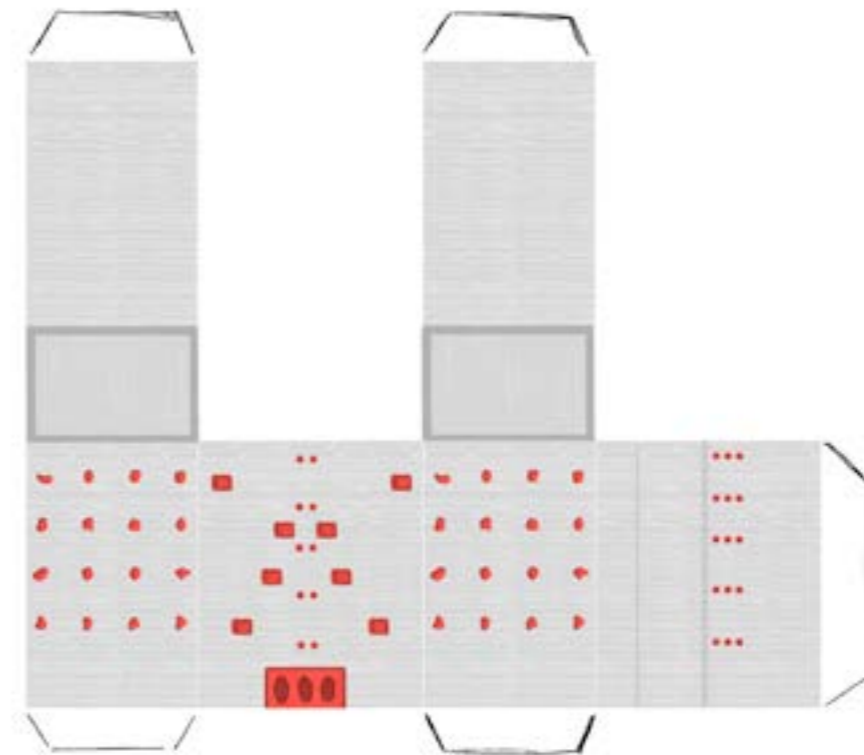


Fig. 56

Fig. 54 e 56. Peças utilizadas na confecção da quinta página página.
Acervo próprio.

PÁGINA FINAL

Em sua última página conto brevemente a proposta do livro e junto da ilustração da escada caracol que está presente na torre menor de circulação.



Fig. 57. Foto dá página final do livro.
Acervo próprio.

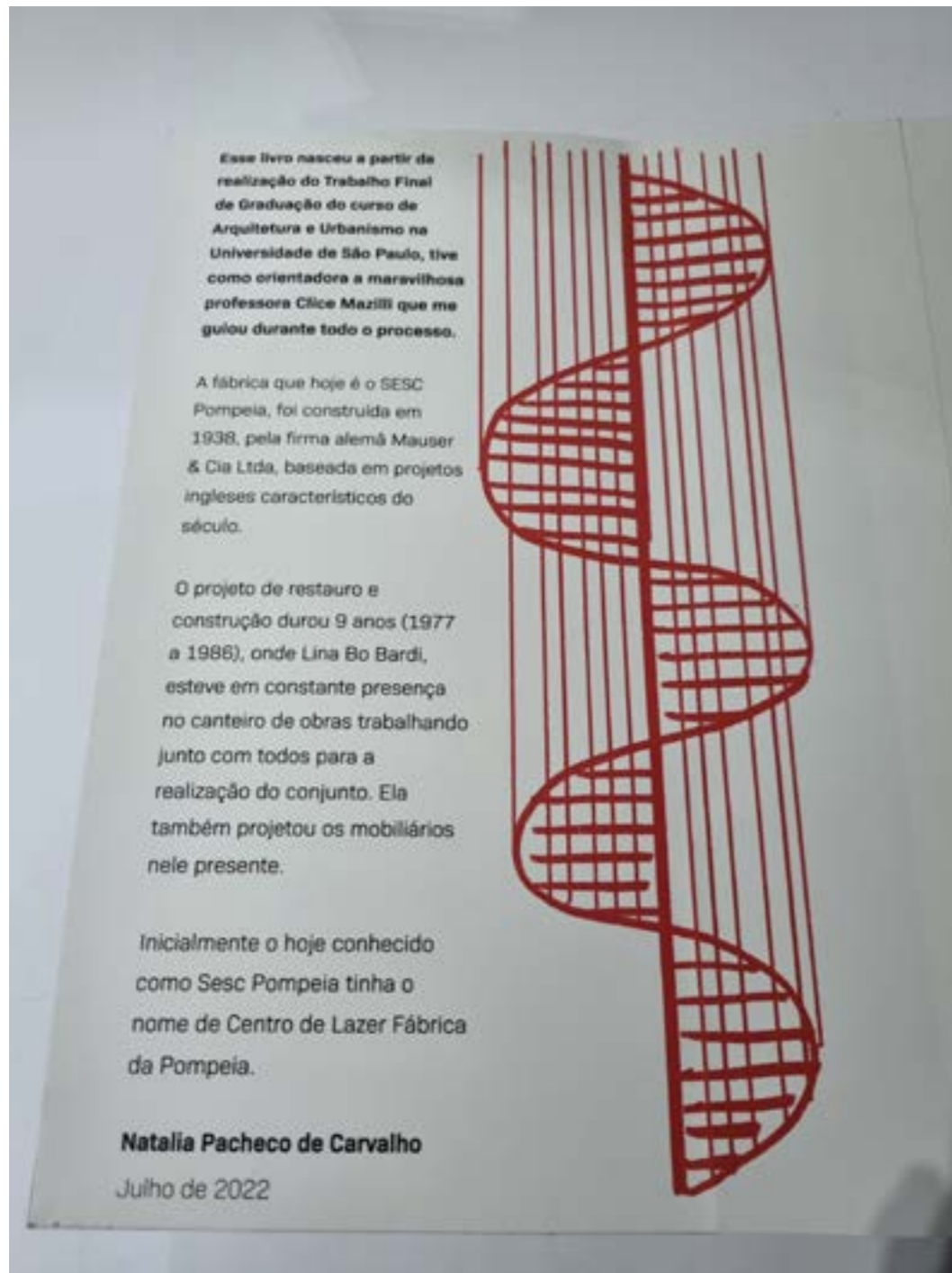


Fig. 58. Foto dá página final do livro.
Acervo próprio.

CONTRACAPA E LOMBADA

Ambas dão continuidade ao desenho da capa e um breve texto instigante para a leitura do livro:

“Visite o Sesc Pompeia projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, que te leva pelas suas ruas principais a vários ambientes através do papel.”



Fig. 59. Foto dá contracapa do livro.
Acervo próprio.



Fig. 60. Foto dá contracapa do livro.
Acervo próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como nos projetos arquitetônicos é difícil dar um ponto final e um encerramento a um livro, sempre há mais a acrescentar para obter um resultado melhor, quando se termina um ponto você já pensa em dez formas diferentes que ele ficaria mais completo e isso me ensinou que nem todo projeto chega a um fim, mas, talvez, em um começo, o início de novos olhares para novas ideias e novos projetos.

Projetar um livro é pensar a história que se quer abordar, como a quer abordar, no ilustrado, qual a linguagem que será usada para dar a cara do livro e qual o público que se quer alcançar. Ter produzido esse livro me fez olhar as volumetrias da arquitetura e como eu conseguiria colocar ela em um sistema pop-up de uma forma que interessa as outras pessoas a olhar aquilo e querer conhecer o edifício pessoalmente também, levar o livro como seu guia e acompanhante.

Consigo ver esse projeto como o começo de uma série de livros, pois, acho que uma forma acessível para as pessoas se interessarem mais por arquitetura, e não somente os edifícios já conhecidos e adorados, é mostrando de uma forma lúdica e instigante, despertando o olhar do leitor para

entender mais sobre o que é falado, e querer contar para os outros a partir do que viu.

Ao fim dessa produção percebi pela prática que desenvolvi novas formas de percepção tanto arquitetônica, como gráfica, ilustrativa, artesanal e tantas outras, me trazendo uma evolução no que eu já sabia fazer e novos horizontes. O percurso de construir o caderno me fez ver minha trajetória com a ilustração também na FAUUSP e como foi enriquecedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERS, Josef. A interação da cor. São Paulo: Martins Fontes, 2009;

CAFFÉ, Carla. Av. Paulista. São Paulo, Sesc - 1ª edição, 2009;
DERDIK, Edith. Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Senac, 2013;

FAWCETT-TANG, Roger. O livro e o designer I: embalagem, navegação, estrutura e especificação. São Paulo: Ed. Rosari, 2007;

FERRAZ, Marcelo. Sesc-SP arquitetura. São Paulo, monolito 33, 2016, p. 44-59;

FERRAZ, Marcelo. Lina Bo Bardi Sesc fábrica da Pompeia factory. Sesc São Paulo; 2ª edição, 2015;

FERRAZ, M; VAINER, A. (Org.). Cidadela da liberdade. Lina Bo Bardi e o SESC Pompeia. São Paulo Edições SESC-SP, 2013. 168p.: il. Fotografias; edição bilíngue (português/inglês);

FERRAZ, Marcelo. "Lina Bardi e a tropicália". Arqtextos, São Paulo, ano 08, n. 093.00, Vitruvius, fev. 2022 <<http://www.>

vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/163>;
GALVÃO, Joni. Super-histórias no universo corporativo. 1.ed.
São Paulo: Panda Books, 2015;

HALL, Andrew. Fundamentos Essenciais da Ilustração. São
Paulo: Rosari,. 2011;

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II: como criar e produzir
livros. São Paulo: Ed. Rosari, 2007;

LUPTON, Ellen. Design is storytelling. Cooper Hewitt, 2017;

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro ilustrado: palavras e
imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011;

NOBLE, Ian; RUSSEL, Bestley. Pesquisa Visual. Introdução às
metodologias de pesquisa em design gráfico;

PAIVA, Ana Paula Mathias de. A aventura do livro experimental.
São Paulo: Edusp, 2009;

VAN DER LINDEN, Sophie. Para ler o livro ilustrado. São Paulo:
Cosac Naify, 2011;

Victor Delaqua. “Tijolo por tijolo”: conheça a história por trás
do Sesc Pompeia de Lina Bo Bardi” 23 Dez 2020. ArchDaily
Brasil. Acessado 10 Jul 2022. <<https://www.archdaily.com.br/br/922137/tijolo-por-tijolo-conheca-a-historia-por-tras-do-sesc-pompeia-de-lina-bo-bardi>> ISSN 0719-8906.

**“ARQUITETURA, PARA MIM, É
VER UM VELHINHO, OU UMA
CRIANÇA, COM UM PRATO CHEIO
DE COMIDA ATRAVESSANDO
ELEGANTEMENTE O ESPAÇO DO
NOSSO RESTAURANTE À PROCURA
DE UM LUGAR PARA SE SENTAR,
NUMA MESA COLETIVA”**

- LINA BO BARDI

ANEXOS

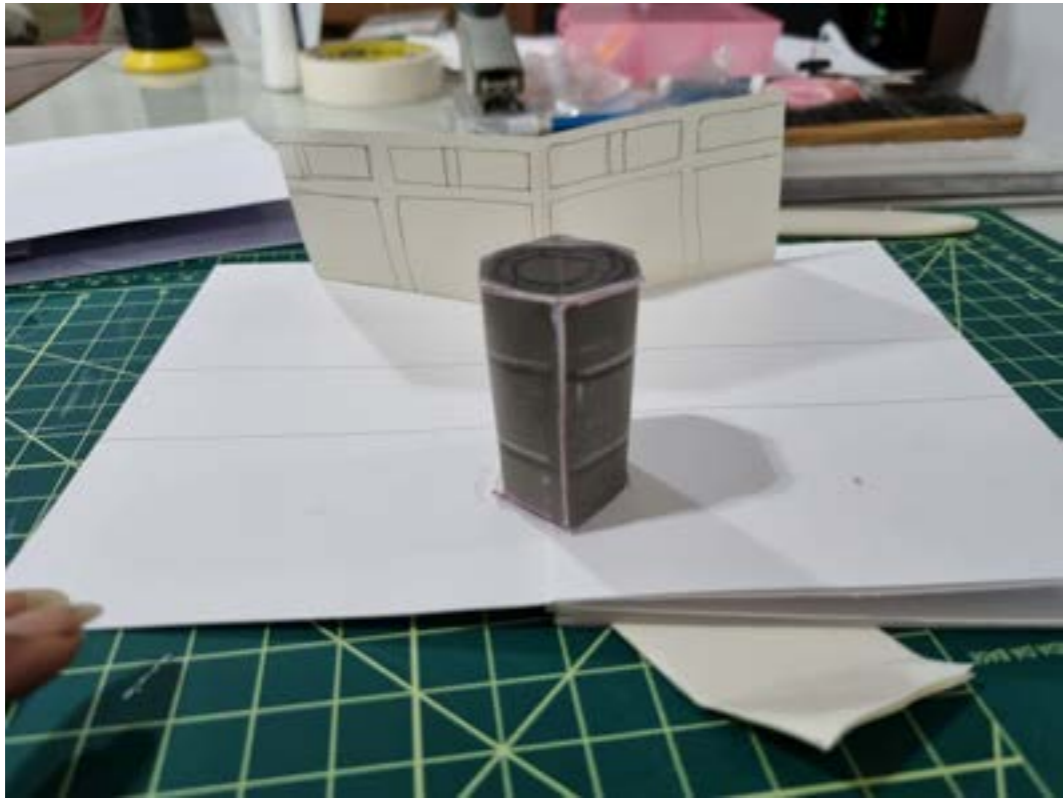


Fig. 61



Fig. 63

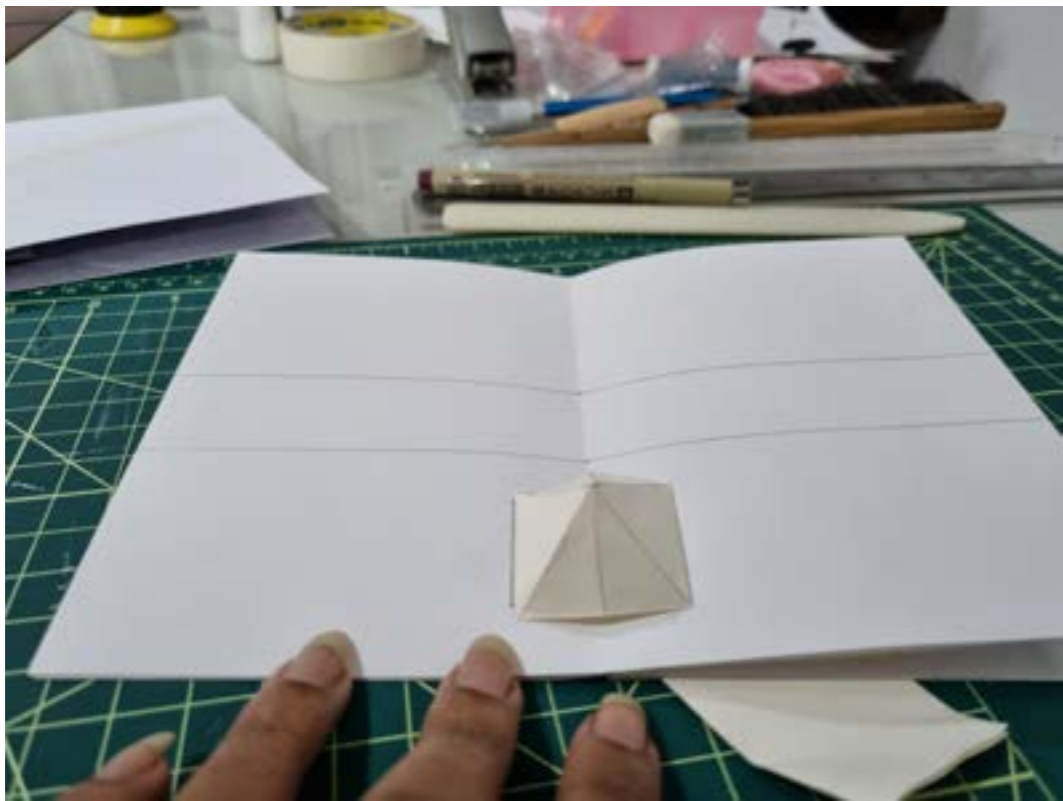


Fig. 62



Fig. 64

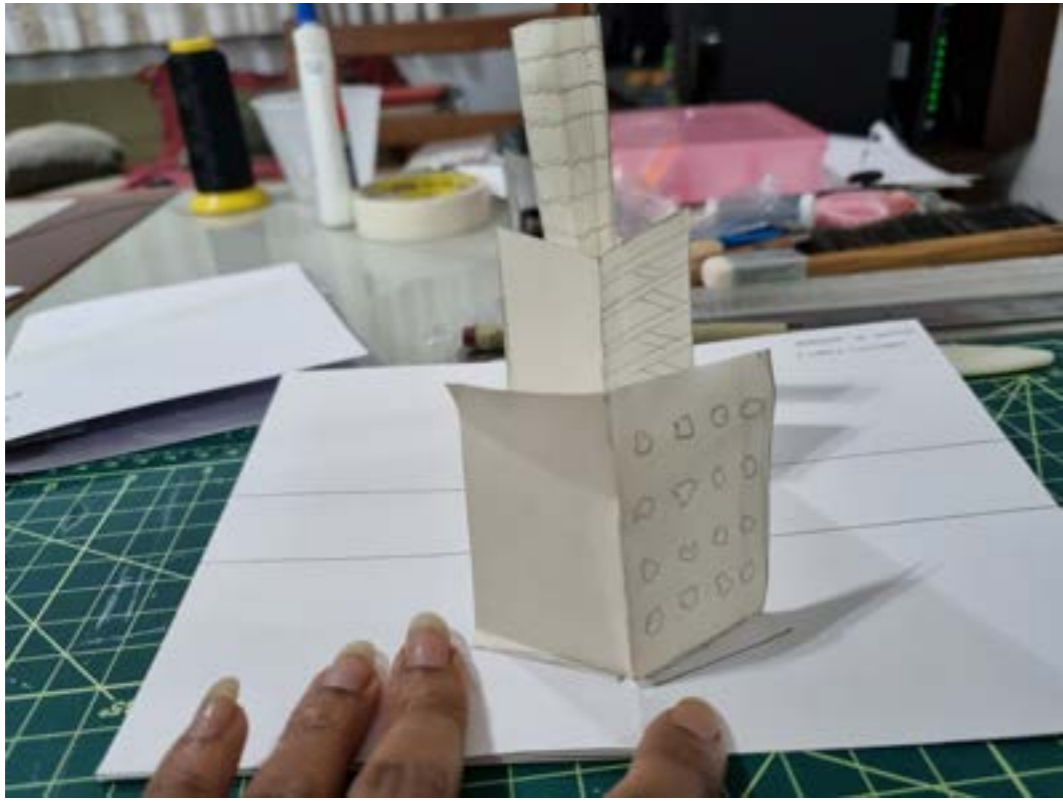


Fig. 65

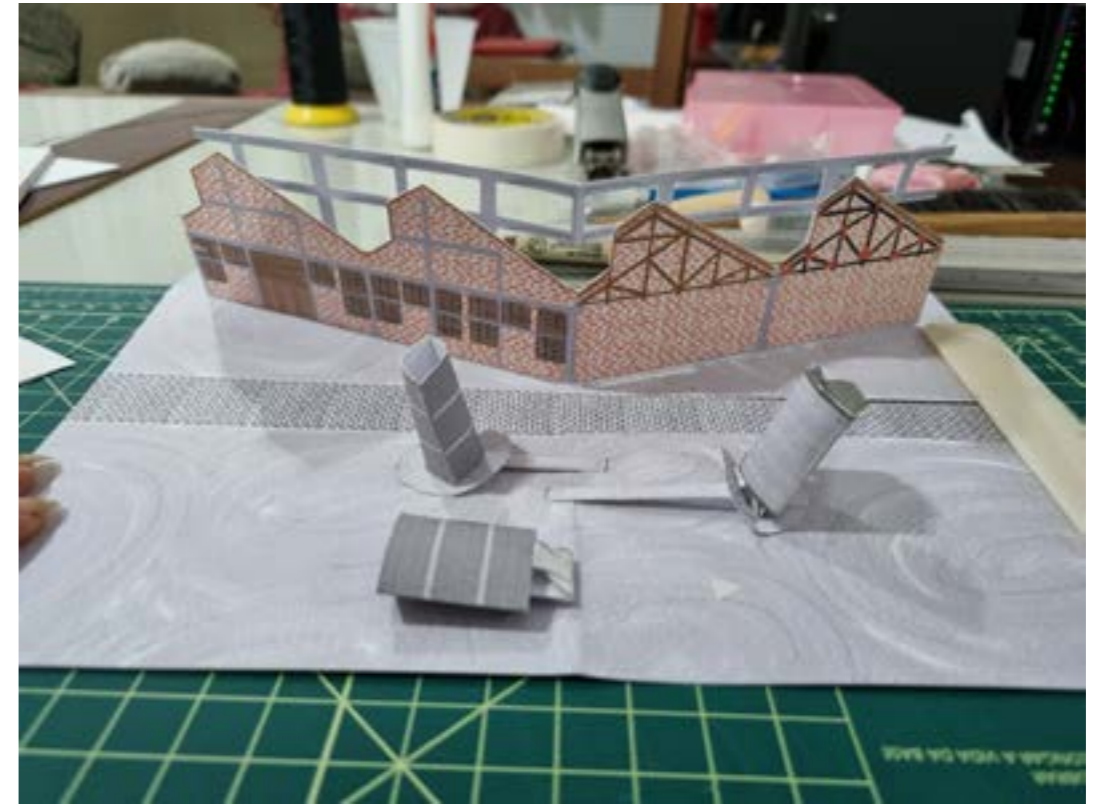


Fig. 67



Fig. 66

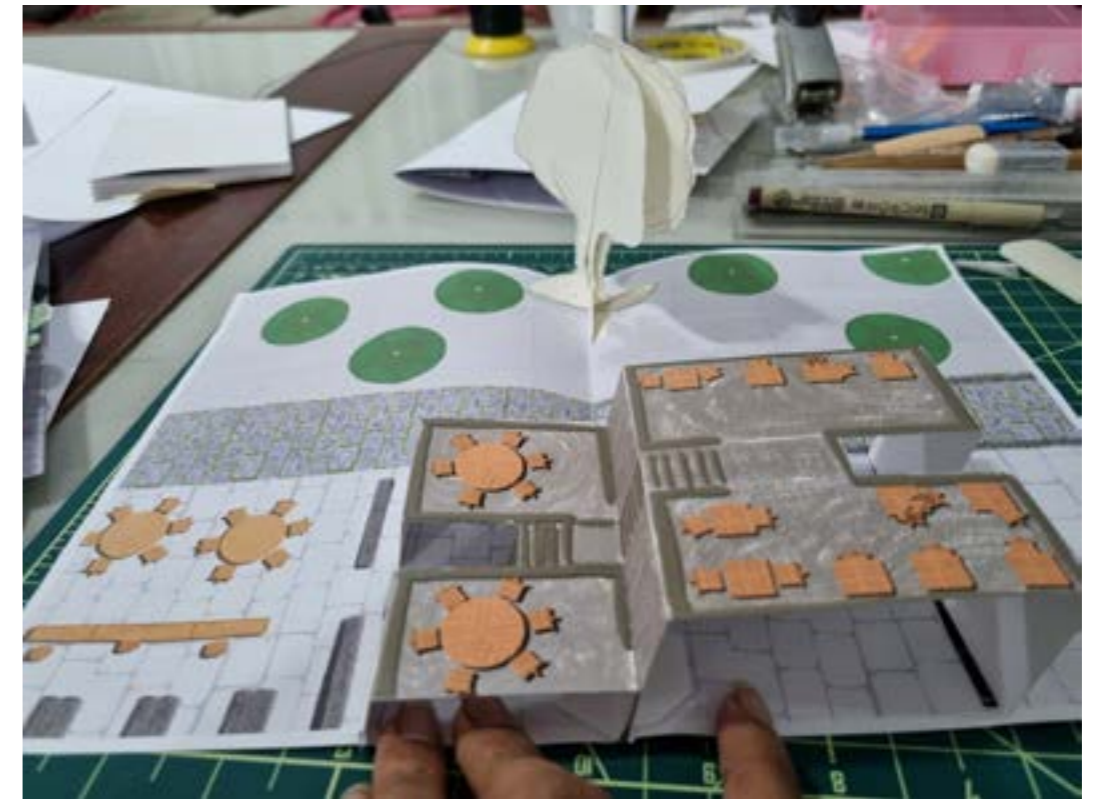


Fig. 68



Fig. 69

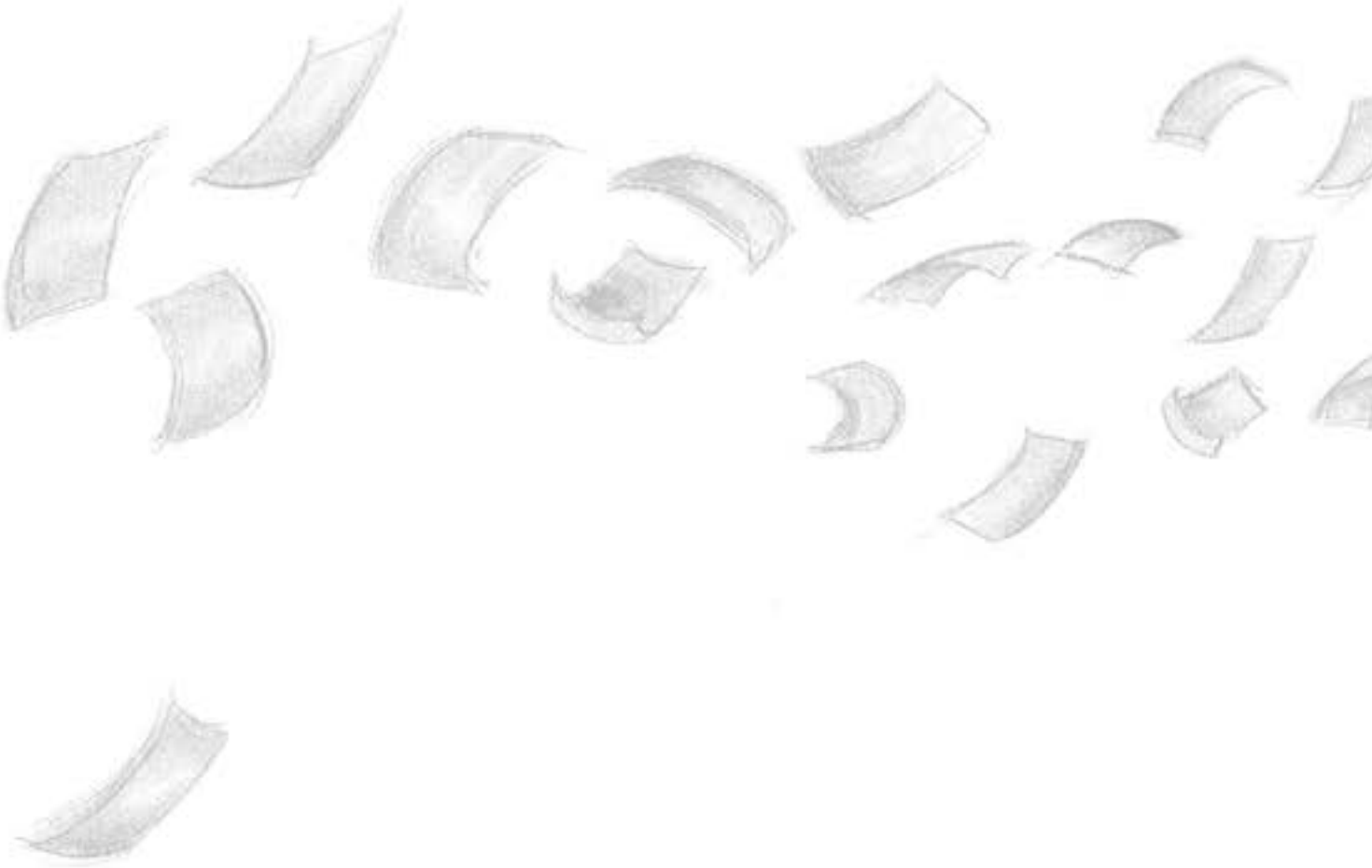


Fig. 71



Fig. 70

Figura 61 a 71. Fotos dos testes de mecânicas pop-up, ilustrações e cor.



FAUUSP

